

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL  
CAMPUS CHAPECÓ  
CURSO DE HISTÓRIA**

**ALESSANDRA DO AMARAL PEREIRA MARCELINO**

***CARMINA BURANA:***  
**OS GOLIARDOS E SUAS CRÍTICAS CONTRA O SISTEMA SOCIAL E CLERICAL,  
POR MEIO DA MÚSICA E DA POESIA NOS SÉCULOS XII E XIII.**

**CHAPECÓ  
2021**

**ALESSANDRA DO AMARAL PEREIRA MARCELINO**

***CARMINA BURANA:***

**OS GOLIARDOS E SUAS CRÍTICAS CONTRA O SISTEMA SOCIAL E CLERICAL,  
POR MEIO DA MÚSICA E DA POESIA NOS SÉCULOS XII E XIII.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de História da Universidade Federal da  
Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção  
do título de Graduado (a).

Orientador: Prof. Dr. Renato Viana Boy

**CHAPECÓ**

**2021**

**Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS**

Marcelino, Alessandra do Amaral Pereira  
CARMINA BURANA: OS GOLIARDOS E SUAS CRÍTICAS CONTRA  
O SISTEMA SOCIAL E CLERICAL, POR MEIO DA MÚSICA E DA  
POESIA NOS SÉCULOS XII E XIII. / Alessandra do Amaral  
Pereira Marcelino. -- 2021.  
62 f.:il.

Orientador: Doutor Renato Viana Boy

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -  
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de  
Licenciatura em História, Chapecó, SC, 2021.

1. Carmina Burana. 2. Goliardos. 3. Clérigos  
Vagantes. 4. Sátira. 5. Igreja Católica. I. Boy, Renato  
Viana, orient. II. Universidade Federal da Fronteira  
Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Avaliador

**ALESSANDRA DO AMARAL PEREIRA MARCELINO**

**CARMINA BURANA:**

**OS GOLIARDOS E SUAS CRÍTICAS CONTRA O SISTEMA SOCIAL E CLERICAL,  
POR MEIO DA MÚSICA E DA POESIA NOS SÉCULOS XII E XIII.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Graduado (a).

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 10/05/2021.

**BANCA EXAMINADORA**



---

**Prof. Dr. Renato Viana Boy – UFFS**  
Orientador



---

**Prof. Dr. Délcio Marquetti - UFFS**  
Avaliador

---

**Prof. Dra. Angélica Marques Visali – UEL**  
Avaliador

Dedico este trabalho ao meu esposo, que não poupou esforços para que eu pudesse concluir meus estudos, aos meus filhos que me apoiaram e ao meu orientador, o professor Renato, que guiou meus passos com muita dedicação neste trabalho.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço em primeiro lugar à Deus que me ajudou e guiou durante toda a graduação.

Agradeço ao meu esposo Antonio e meus filhos que me apoiaram nessa trajetória dentro da universidade. Em especial meus filhos que me incentivaram desde o início a fazer um curso universitário, me ajudando a estudar para o vestibular.

Agradeço ao meu orientador Renato, que me guiou com muita dedicação durante esta pesquisa, e me ensinou muito sobre pesquisa acadêmica.

*1. Escuta, filho, os preceitos do Mestre, e inclina o ouvido do teu coração; recebe de boa vontade e executa eficazmente o conselho de um bom pai*  
*2. Para que voltes, pelo labor da obediência, àquele de quem te afastaste pela desídia da desobediência. 3. A ti, pois, se dirige agora a minha palavra, quem quer que sejas que, renunciando às próprias vontades, empunhas as gloriosas e poderosíssimas armas da obediência para militar sob o Cristo Senhor, verdadeiro Rei. (REGRA DE SÃO BENTO, 530, p. 1).*

## RESUMO

Esta pesquisa é uma análise do manuscrito *Carmina Burana*, escrito por um grupo de poetas vagantes chamado goliardos. Os goliardos eram estudantes, clérigos intelectuais, que viveram principalmente nas universidades de Paris entre os séculos XII e XIII, que escreviam seus poemas em latim. Devido ao conteúdo das poesias eles eram em sua maioria poetas anônimos. A pesquisa está composta de dois capítulos, onde no primeiro apresentamos a nossa fonte e quem foram esses poetas, como o que foi escrito a respeito dos goliardos. No segundo a análise dos poemas a fim de aprofundar no conhecimento dos goliardos enquanto grupo e a motivação das críticas que fizeram ao clero. Eles foram perseguidos pela Igreja por causa do conteúdo satírico de suas poesias. Devido às críticas sofreram várias punições por meio de concílios até desaparecerem em meados do século XIII. Vale ressaltar que as críticas tecidas pelos goliardos não eram direcionadas à toda a Igreja, mas somente a alguns clérigos. Esse grupo de intelectuais, não tinha o interesse de mudar nada na ordem vigente, nem provocar revolução. Nem mesmo eram um grupo homogêneo, onde haviam poetas que eram desde clérigos e professores, a estudantes pobres. Observamos, portanto, que os goliardos, escreveram o que viveram, e denunciaram os erros cometidos daqueles que descumpriam as regras que eles mesmo exigiam que fossem cumpridas pelos estudantes, pelos professores e até a população. Mas os goliardos não escreveram somente críticas à sociedade, eles também escreveram poemas que falavam de amor, de jogos de coisas que faziam parte do cotidiano desses estudantes, que gostavam de cantar e se divertir. Foram intelectuais, que escreveram para outros intelectuais. O manuscrito *Carmina Burana*, é parte do tesouro nacional alemão, e ficou mais conhecido ao ser utilizado por Carl Orff em sua cantata cênica em latim medieval no século XX.

Palavras-chave: Clérigos andantes. *Carmina Burana: Canções de Beuern*. Crítica. Regra de São Bento. Poesia.

## ABSTRACT

This research is an analysis of the manuscript *Carmina Burana*, written by a group of wandering poets called goliards. The goliards were students, intellectual clerics, who lived mainly in the universities of Paris between the 12th and 13th centuries, and who wrote their poems in Latin. Due to the content of the poems they were mostly anonymous poets. This research was composed of two chapters, where in the first we present our source and who were these poets, as what was written about the goliards. In the second, we have the analysis of their poems, aiming to deepen the knowledge about the goliards as a group, as well as the motivation of the criticism aimed at the clergy. Because of the satirical content of their poems, they were persecuted by the Church. Due to the criticism towards the clergy, they suffered several punishments through councils, until they disappeared in the middle of the 13th century. However, it is worth emphasising that the criticisms made by the goliards were not directed at the whole Church, but only at some clerics. This group of intellectuals had no interest in changing anything in the existing order, neither did they wanted to foment a revolution. They were not even a homogeneous group, in fact, there were poets who extended from clerics and professors, as well as poor students. Therefore, we observe that the goliards wrote what they lived, and exposed the mistakes made by those who did not follow the rules that they were demanding to be followed by the students, the teachers and even the population. But the goliards did not write only criticism of society, they also wrote poems that spoke of love, of games and other things that were part of the daily life of these students, who liked to sing and have fun. They were intellectuals, who wrote for other intellectuals. The manuscript *Carmina Burana* is part of the German national treasure and became best known when it was used by Carl Orff in his scenic cantata composed in medieval Latin in the 20th century.

Keywords: Walking Clerics. *Carmina Burana: Songs of Beuern*. Criticism. Rule of St. Benedict. Poetry.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1- Imagem inicial do manuscrito <i>Carmina Burana</i> .....	17
Imagem 2- La Roue de la Fortune- Herrade de Landsberg.....	20
Imagem 3- Imagem inicial do manuscrito <i>Carmina Burana</i> .....	20

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b><i>CARMINA BURANA</i> OU CANÇÕES DE BEUERN.....</b>	<b>17</b>
2.1	O MANUSCRITO E OS GOLIARDOS.....	19
2.2	HISTORIOGRAFIA.....	25
2.3	LITERATURA COMO FONTE HISTÓRICA.....	31
<b>3</b>	<b>OS GOLIARDOS SEGUNDO SEUS POEMAS E SUAS CRÍTICAS.....</b>	<b>35</b>
3.1	AS CRÍTICAS NO <i>CARMINA BURANA</i> E PERSEGUIÇÕES AOS GOLIARDOS.....	40
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>52</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>55</b>
	<b>ANEXOS <i>CARMINA BURANA</i> – TRADUÇÃO POÉTICA (por Maurice Van Woensel) .....</b>	<b>59</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O tema de pesquisa que aqui propomos, tem como fonte o manuscrito *Carmina Burana*, datado dos séculos XII e XIII, que tem como autoria um grupo de poetas chamados goliardos, e devido ao anonimato de muitos desses poetas, fica difícil apontar a autoria dos mesmos.

O interesse pelo tema surgiu ao entrar em contato com um poema do manuscrito *Carmina Burana*, intitulado *Ó Fortuna Imperatrix Mundi* ainda no início da graduação em História, iniciada em 2016 na Universidade Estadual de Londrina, que nos foi apresentado pela professora de História Medieval<sup>1</sup>. A partir desse primeiro contato, buscamos o aprofundamento sobre os poemas e seus poetas, os goliardos. Através de buscas pelo poema inicial para descobrir quem escreveu, e quando foi escrito, pois o poema que nos foi dado para realização da atividade na graduação não apresentou muitas informações, obrigando-nos a fazer uma pesquisa para chegarmos a autoria do poema. Assim chegamos ao manuscrito intitulado *Carmina Burana*, e verificamos que em seu conteúdo há poesias satíricas, tecidas pelos goliardos contra seu alvo principal, parte da Igreja. E assim aumentou o interesse pelos poemas dos goliardos, onde se observa nitidamente a crítica social de forma satírica, também cresce cada dia mais nosso interesse por esses poemas.

Segundo introdução de autor Anônimo (2001, p.7)<sup>2</sup>, os poemas escritos por esse grupo de clérigos, exalam alegria, algo diferente de uma visão sombria que se tinha de uma sociedade cheia de medo do inferno. Também o autor Umberto Eco se refere a essa alegria que se observa nos poemas. Umberto Eco cita os goliardos em seu livro *Idade Média: Bárbaros, Cristãos e Mulçumanos*, dizendo: “a Idade Média é a época em que os goliardos celebram a alegria de viver e é, acima de tudo, a época da luz”(ECO 2010, p.10), e também, que os goliardos transmitiam essa alegria em seus poemas, ainda que os poemas sejam críticas severas contra algumas autoridades eclesiais do período conforme Le Goff (1988, p.33) “os temas os temas de suas poesias atacam asperamente essa sociedade”. Portanto, o fato dos goliardos serem estudantes e ao mesmo tempo serem considerados clérigos<sup>3</sup>, deu a eles a denominação de clérigos vagantes ou clérigos vagabundos, pelo modo de vida que viviam.

---

<sup>1</sup> O poema que se teve contato na graduação foi um requisito para avaliação do semestre letivo. A tarefa era de descobrir de onde veio o poema e quem escreveu. Ao entrar em contato com a pesquisa, chegamos ao manuscrito original escaneado que se encontra no site Internet Archive, um site de hospedagem de documentos de diversas partes do mundo disponível em:< <https://archive.org/>>. Acesso em: 10 Jun. de 2020. Já o manuscrito se encontra disponível em:< [https://archive.org/details/imslp-buranus-anonymous/PMLP57518-Codex\\_buranus\\_f43-f48](https://archive.org/details/imslp-buranus-anonymous/PMLP57518-Codex_buranus_f43-f48)>. Acesso em: 10 Jun. de 2020.

<sup>2</sup> Edição digital: *Carmina Burana: Los Poemas de Amor*. “con la alegría vital que exhalan los *Carmina Burana* con su exaltación de la vida y del amor a la libertad, mostraba una cara muy distinta a la que se suponía em una Edad Media considerada tradicionalmente como sombria, llena de temor al infierno.” (ANONIMO, 2001, p. 7).

<sup>3</sup> Segundo Anônimo (2001, p. 21) cita Conrado de Megenberg, que diz “llama clérigo a cualquier miembro del aparato de la escuela, sin distinción de nivel de estudio o de facultad”.

Portanto, diante de poemas satíricos e críticos contra o clero, e a sociedade, onde os goliardos atacavam “todos os representantes da ordem na Alta Idade Média: o eclesiástico, o nobre e até o camponês” (LE GOFF, 1988, p. 35), é que analisaremos o *Carmina Burana* para entender esse grupo de poetas e as críticas feita por eles. Assim sendo, procuramos dar início à nossa pesquisa partindo primeiramente em busca da fonte original completa, pois até então só conhecia alguns poemas por meio da cantata de Carl Orff<sup>4</sup>.

O que parece mais intrigante é o fato dessas críticas serem dirigidas a membros da Igreja, que por sua vez era a instituição responsável pelas universidades e escolas no ocidente medieval. Os goliardos foram um grupo de poetas e estudantes que viveram entre os séculos XII e XIII em regiões da atual Itália e França. Seus poemas e canções eram diferentes da maioria dos escritos do mesmo período, onde se tem, por exemplo, as hagiografias e outros escritos de teor mais sério e solene. Mesmo fazendo parte do clero, a diferença está exatamente na sátira de sua escrita, em meio a obras que eram em sua grande maioria mais sérias, como já dito, e voltadas à contemplação como por exemplo, o poema abaixo com autoria de Hildegarda de Bingen (1098-1179) “*O ignis Spiritus Paracliti*<sup>5</sup> (*Do Espírito Santo*)”, que nos leva a refletir sobre o Espírito Santo;

Ó fogo do Espírito Paráclito, vida da vida de toda a criatura, tu santo que vivificas as formas.

Santo que unges de bálsamo os abatidos, santo que purificas as fétidas feridas.

Ó sopro de santidade, fogo de amor, ó doce gozo dos espíritos fragrância suave de virtudes nos corações derramada.

---

<sup>4</sup>Foi por meio de Carl Orff que o manuscrito ficou conhecido de forma mais intensa. Segundo Hamel (2017, pgs. 403- 407), ao se deparar com um livro a respeito dos poemas do manuscrito *Carmina Burana*, escrito por Johann Andreas Schmeller que publicou a primeira edição em 1847, intitulada *Carmina Burana, Lateinische und Deutsche Lieder und Gedichte einer Handschrift des XIII. Jahrhunderts aus Benedictbeuern auf der K. Bibliothek zu München*, e que Carl Orff utilizou para compor a cantata cênica em latim medieval, que tem como abertura da ópera “Ó Fortuna”, que estreou em junho de 1937 na Alemanha, “Não se pode olhar hoje em dia para Munique de meados de 1930 sem uma interferência política. [...] Em que medida a musicalização de *Carmina Burana* por Orff é ou não uma peça consciente de propaganda nazista é uma questão debatida a fundo.”(HAMEL, 2017, p. 405), E segundo Hamel não foi muito bem recebida pelos nazistas, que consideravam como “perigosamente moderna”(HAMEL, 2017, p. 406), apesar de ser “tudo que os nazistas defendiam”(HAMEL, 2017, p. 405), “um grande texto germânico medieval, único na Europa, celebrando a juventude e as proezas masculinas, as Cruzadas e o cavalheirismo, transformado num poderoso espetáculo de massas com hipnóticas batidas de tambor e um ritmo insistente”. (HAMEL, 2017, p. 405- 406). Uma apresentação da ópera pode ser encontrada na internet, com o título original “*Carmina Burana – Carl Orff (1935/ 1936) Canções de Benedictbeuern*”. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_jG3aA0pgA8](https://www.youtube.com/watch?v=_jG3aA0pgA8). Acesso em: 28 Nov. 2020.

<sup>5</sup> O ignis Spiritus paracliti; O ignis Spiritus paracliti, vita vite omnis creature, sanctus es vivificando formas. Sanctus es ungerendo periculose fractos, sanctus es tergendo fetida vulnera. O spiraculum sanctitatis, o ignis caritatis, o dulcis gustus in pectoribus et infusio cordium in bono odore virtutum. O fons purissime, in quo consideratur quod Deus alienos colligit et perditos requirit O lorica vite et spes compaginis membrorum omnium et o cingulum honestatis: salva beatos. Custodi eos qui carcerati sunt ab inimico, et solve ligatos quos divina vis salvare vult. O iter fortissimum, quod penetravit omnia in altissimis et in terrenis et in omnibus abyssis, tu omnes componis et colligis. De te nubes fluunt, ether volat, lapides humorem habent, aque rivulos educunt, et terra viriditatem sudat. Tu etiam semper educis doctos per inspirationem Sapientie letificatos. Unde laus tibi sit, qui es sonus laudis et gaudium vite, spes et honor fortissimus, dans premia lucis. (RETA Y CASQUERO, 1997, p. 548- 549).

Ó fonte puríssima, em que se contempla como Deus reúne os estranhos e busca os perdidos.

Ó couraça da vida, ó esperança de união entre os membros, ó cingulo de honestidade, salva os bem-aventurados.

Guarda os que foram encarcerados pelo inimigo liberta aqueles que presos ao cepo a divina força quer salvar.

Ó itinerário irresistível, que tudo introduz nos altos céus, na terra e na totalidade dos abismos, tu todos reúnes e coliges.

Graças a ti as nuvens flutuam, o éter voa, as pedras se umidificam, as águas nos regatos marulham e a terra destila vigor na verdura.

Tu exaltas os homens de ciência instruídos por inspiração da Sapiência.

Por isso louvor te seja dado, tu que és som dos louvores, gáudio da vida, esperança e honra poderosa dando os prêmios da luz<sup>6</sup>. (RETA Y CASQUERO, 1997, p. 548- 549).

É interessante notar que os goliardos, apesar de fazerem parte do meio clerical como estudantes, e da marginalização<sup>7</sup> social sofrida, faziam parte do meio intelectual, e “apesar de sua importância, os goliardos foram rejeitados para a periferia do movimento intelectual”. (LE GOFF, 1988, p.39).

Os goliardos, ao iniciarem seus estudos, seguiam as regras, que eram impostas aos estudantes, estas regras eram as mesmas dos que iniciavam no clero deveriam seguir nos mosteiros. Essas regras exigiam deles a castidade, a pobreza, o jejum, conforme a regra de São Bento, que regeu os mosteiros beneditinos do período. Porém os estudantes pareciam não concordar com tais regras, além de ser provável que ao observarem que por parte do clero não se cumpria o que se exigia, torna-se de certa forma contraditório o discurso dos cônegos que dirigiam tais instituições. Tomamos, essa contradição de discurso e prática contraditória como hipótese do motivo para se manifestarem por meio dos poemas, colocando ali sua insatisfação com o sistema clerical. Suas canções eram de fundo profano e crítico ao sistema religioso e político, mas também cantam sobre o amor, jogos, vícios, dando ênfase aos deuses Baco e Vênus, exaltando o culto às tabernas e ao vinho, o comer e beber, aproveitar a vida, contexto que vai contra o cotidiano dos mosteiros que pregavam uma vida de sacrifícios, jejuns, oração, trabalho, penitência e contemplação. Vê-se constantemente o nome da deusa Vênus em seus poemas de amor, e de Baco nos poemas tabernários, como podemos verificar em Moeno:

Para exemplificar ainda mais algumas das atitudes goliardescas, basta recordar o uso irreverente dos ensinamentos religiosos. Eram devotos de Baco e também de Vênus, a quem adoraram em seu templo: o bordel (“templos Veneris” \_ eles o chamam). Além disso, realizam paródias de missas ou de

<sup>6</sup>Tradução disponível em:< <https://lyricstranslate.com/pt-br/o-ignis-spiritus-paracliti-do-esp%C3%ADrito-santo.html>>. Acesso em: 28 Jan. de 2021.

<sup>7</sup> Aqui significa exclusão do grupo em tarefas como cantar hinos nas missas, raspar suas cabeças a fim de identificá-los como subversivos. (YORS. 1868, p. 109). E lançados na periferia do movimento intelectual por causa de seus poemas (LE GOFF, 1988, p.39).

orações nas quais não invocam Jesus e Nossa Senhora, mas os deuses pagãos; zombam da castidade, utilizam citações bíblicas em contextos eróticos, etc. (MOHENO, 2014, p. 12).<sup>8</sup>

A obra compilada dos chamados goliardos ou clérigos vagantes, de acordo com Christopher de Hamel (2017, p. 364), era chamada de *Burana*, a partir do nome em latim medieval do mosteiro onde foi encontrado em 1806, de nome *Benediktbeuern*, na Alta Baviera, fundado no século VIII, localizado a cerca de 65 km ao sul de Munique. O manuscrito, segundo Hamel (2017, p. 364), contém 350 poemas que se dividem em quatro grupos de textos que são classificados no modo geral em: “poemas morais e satíricos, canções de amor, canções para beber e jogar e dramas religiosos.” (HAMEL, 2017, p. 370).

Hamel (2017, p. 390- 394), quando fala da autoria dos poemas em sua pesquisa sobre o manuscrito, diz que a maioria dos poemas não tem um autor declarado, mas existem alguns deles que demonstram em seus versos quem os escreveu, inclusive há um desses poemas que se desconfia ser de autoria de Pedro Abelardo, porém não se tem exatidão nessa informação. Outro nome é o do Arquipoeta, que segundo Reta y Casquero (1995, p. 307) o nome do Arquipoeta é desconhecido e somente 10 poemas com detalhes autobiográficos foi o que restou e o que se sabe é que deixou as armas e se dedicou às letras, ele foi um nobre.<sup>9</sup>

É importante compreender o que os goliardos deixaram escrito nesses poemas, pois, é por meio desses poemas que poderemos conhecer quem são os goliardos e assim poderemos conhecer melhor seu pensamento e as críticas que faziam contra a sociedade em geral, mas em especial a alguns membros do clero.

Nosso objetivo, portanto, é analisar os poemas dos goliardos conhecido como “*Carmina Burana*”, e assim conhecer melhor esse grupo de poetas, e a partir disso conhecer os motivos que os levaram a criticar a sociedade dos séculos XII e XIII, onde o clero foi o mais criticado por eles.

Para que possamos chegar ao nosso objetivo, o nosso trabalho será dividido em dois capítulos, em que, no primeiro capítulo, faremos uma descrição de nossa fonte, como também uma reflexão sobre o tipo de fonte que estamos utilizando, que é a literária. Para isso,

---

<sup>8</sup> Todas as traduções deste trabalho de TCC são de nossa autoria: “Para más ejemplificar parte de las actitudes goliardescas, baste recordar el irreverente empleo de las enseñanzas religiosas. Se hacen devotos de Baco y también de Venus, a quien adoran en su templo: el burdel (“templum Veneris” —lo llaman). Es más, realizan parodias de misas o de oraciones en la que no invocan a Jesús ni a la Virgen, sino a los dioses paganos; se burlan de la castidad, utilizan citas bíblicas en contextos eróticos, etc.” (MOHENO, 2014, p. 12).

<sup>9</sup> Desconocemos el nombre del Archipoeta. De su abundante producción, sólo se han conservado diez poemas, pródigos en detalles autobiográficos. Por ellos sabemos que fue de noble cuna y que, abandonando las armas, se dedicó a las letras. Su conocimiento de las formas rítmicas francesas hacen sospechar que pudo estudiar en París. Se muestra también familiarizado con los poetas latinos más leídos en su tiempo: Horacio, Virgilio, Ovidio y Persio. (RETA y CASQUERO, 1995, p. 307).

utilizaremos de autores especialistas em fontes literárias, como Segismundo Spina e Otto Maria Carpeaux, entre outros, para conhecer o tipo de documento com o qual estamos trabalhando. Para descrevê-lo, o autor escolhido é Christopher de Hamel, com seu livro escrito em 2016 e publicação em português em 2017, *Manuscritos Notáveis*, que é uma obra mais técnica, descritiva do documento. Nela, Hamel descreve como é o manuscrito, formato, número de páginas, tipo de grafia, também relata com detalhes o local onde o manuscrito está atualmente. Hamel fala um pouco a respeito dos goliardos e dedica o final do capítulo para falar de Carl Orff, que trouxe para nossos dias um pouco dos poemas em sua ópera no início do século XX, pois até 1934, era pouco conhecido. Pode-se ainda verificar algumas imagens de algumas páginas do manuscrito e do mosteiro onde o manuscrito foi encontrado. Esse livro contém uma riqueza de conteúdo que contribui para o andamento da pesquisa, descrevendo a história do manuscrito em detalhes físicos, além de seu formato, que segundo ele parece com um breviário utilizado pelos monges. Portanto, é com Hamel que buscaremos apresentar, de modo descritivo, o manuscrito *Carmina Burana*, para finalmente falarmos dos goliardos. Ainda trataremos sobre o pensamento de alguns autores, que abordam temas a respeito das universidades e dos intelectuais medievais, para entendermos quem eram esses intelectuais, que eram também conhecidos como clérigos vagantes.

Já no segundo capítulo, faremos a análise de nossa fonte que é de onde buscaremos, como dito anteriormente, conhecer melhor os goliardos enquanto grupo, e as críticas que os goliardos fizeram contra o clero e toda a sociedade, pois ninguém escapou de suas críticas e sátiras, mesmo tendo como alvo principal alguns membros do clero. Como também falaremos das perseguições que sofreram até seu desaparecimento, pois segundo alguns autores, esse grupo de estudantes poetas vagantes, desapareceram por volta do século XIII. Para que possamos fazer essa análise optamos por utilizar as poesias em prosa, onde Woensel as traduziu literalmente. Mas também deixaremos em anexo a tradução feita por Woensel em sua forma poética.

Para a análise utilizaremos alguns poemas, como o *CB<sup>10</sup> 01 - Manus Ferrens*, *CB 10- Ecce Sonat in Aperto*, *CB 129- Exul Ego Clericus* e *CB 191- Estuans Interius*, entre outros. Estes poemas são essenciais pelo seu conteúdo, que apresentam o cotidiano dos goliardos, e

---

<sup>10</sup>CB significa : *Carmina Burana* ; *CB01-Manus Ferrens (A mesma mão que dá propina)*-fala da corrupção dos juizes; *CB 10- Ecce Sonat in Aperto (Soa Alto, em campo aberto)* – satiriza personagens bíblico, prelados e fala de propina; *CB 129- Exul Ego Clericus (Sou um clérigo Andante)*- fala da indigência dos estudantes; e *CB 191- Estuans Interius (Arde no meu coração)* o autor é o Arquipoeta, é uma espécie de confissão do goliardo.

para quem as críticas eram dirigidas, mesmo que em alguns poemas os personagens tenham um nome fictício, ainda assim conseguimos discernir a quem se referem.

## 2. CARMINA BURANA OU CANÇÕES DE BEUERN

**Imagem 1-** Imagem inicial do manuscrito *Carmina Burana*



Fonte: retirada da versão digitalizada do manuscrito disponível em: [https://archive.org/details/ims1p-buranus-anonymous/PMLP57518-Codex\\_buranus](https://archive.org/details/ims1p-buranus-anonymous/PMLP57518-Codex_buranus). Acesso em 02 de Dez. 2020.

Partindo do interesse em conhecer melhor quem foram os goliardos e o que eles escreveram, buscamos iniciar a leitura para a nossa pesquisa. Durante a leitura identificamos indícios de sátiras e críticas contra setores do clero, bem anterior ao período que propomos estudar, nas regras para monges como a de São Bento no século VI<sup>11</sup>, que já mencionava um grupo de monges que eram vagantes e glutões, mas não aprofundaremos nisto, pois nosso recorte temporal é o século XII e XIII e os poemas dos goliardos. Além disso observamos que os historiadores que estamos utilizando como suporte de nossa pesquisa, concordam em muitos aspectos a respeito dos goliardos e seus poemas, como por exemplo: serem estudantes, clérigos, e amantes de literatura pagã (o que está bem claro em seus poemas), e do bom vinho. Com a análise dos poemas, podemos entender quem são os poetas goliardos, o meio em que viviam, o tipo de literatura produzida por eles e, principalmente, o que pensavam a respeito das regras e normas que deveriam seguir os estudantes, além de observar as sátiras e críticas feitas por eles contra parte do clero.

<sup>11</sup>[10] O quarto gênero de monges é o chamado dos giróvagos, que por toda a sua vida se hospedam nas diferentes províncias, por três ou quatro dias nas celas de outros monges, [11] sempre vagando e nunca estáveis, escravos das próprias vontades e das seduções da gula, e em tudo piores que os sarabaítas. [12] Sobre o misérrimo modo de vida de todos esses é melhor calar que dizer algo. Regra de São Bento (C. 530). Disponível em: <<http://www.movimentopax.org.br/saoBento/Regra%20de%20Sao%20Bento.pdf>>. Acesso em: 23 Set. de 2020.

Portanto, diante do interesse pelos goliardos, houve de nossa parte uma busca pela fonte que iremos trabalhar, o manuscrito *Carmina Burana*, como dito anteriormente, como forma de conhecer melhor estes poetas e até o motivo das críticas que fizeram. O manuscrito original se encontra atualmente na Biblioteca Nacional de Munique, sendo ele considerado patrimônio nacional em Munique. Porém, há versões digitalizadas disponíveis na internet em diversos sites. Esta que temos acesso, foi retirado do site Internet Archive<sup>12</sup>. Ao nos depararmos com a fonte original digitalizada, percebemos que a mesma está escrita em latim, como podemos verificar na imagem 1 no início deste capítulo. Seria necessário um estudo paleográfico para a leitura do manuscrito original, estudo este que não é viável para este TCC, pois, o tempo para um estudo paleográfico leva mais do que o disponível no momento. Assim, foi necessário ir em busca de uma outra alternativa. Chegamos então ao livro *Carmina Burana: Canções de Beuern*, com prefácio de Segismundo Spina e introdução e apresentação de Maurice van Woensel, sendo a obra uma versão bilíngue, temos acesso tanto aos textos em latim como em português. Porém o livro tem uma seleção de apenas 39 poemas dos 350 do manuscrito original. Em um primeiro momento nas duas línguas (latim e português), e depois os mesmos poemas na tradução literal para o português somente, e há ainda alguns poemas que não fazem parte do *Carmina Burana*, mas que são de autoria dos goliardos.

Esse volume contém uma seleção de 39 canções de *Carmina Burana*, entre as quais 23 foram musicadas por Carl Orff[...]. Além dessas 39 canções, traduzi ainda oito que não constam no manuscrito de *Carmina Burana*.

No corpo principal do livro, o leitor se depara com os textos espelhados de uma edição bilíngue: no lado esquerdo o texto original, quase todo em latim, com algumas palavras em alemão e francês arcaicos; no lado direito a tradução em português, também em versos, conservando ritmo e rimas do original.[...], para satisfazer aqueles leitores que desejam conhecer o conteúdo literal das canções, este livro apresenta no Anexo I minha tradução literal. (WOENSEL, 1994, p. 13- 14).

Logo no início do livro, Woensel fala sobre o manuscrito e os poetas. Sobre o manuscrito, ele relata o tipo de poesia feita pelos goliardos, formato do manuscrito e onde foi encontrado. Assim como outros autores, relata (WOENSEL, 1994, p. 10 e 11) - da apresentação de Spina- que o tema da produção poética é condensado no “trinômio amor-vinho-jogo”. Já quando fala dos poetas, diz que eram poetas “itinerantes, mas na sua maioria letrados: dotados de certa cultura letrística, escolástica e clássica, conhecedores de Virgílio, Catão, Horácio, mas sobretudo de Ovídio (na sua *Arte de Amar*)”. Relata também o tipo de poesia escrita, a origem do nome atribuído ao grupo de poetas profanos, os goliardos. Ainda diz que, não só poetas

---

<sup>12</sup>Link consta na página 11 deste trabalho.

marginalizados eram os autores dos poemas, mas também pessoas que se tornaram nomes influentes, como Pedro Abelardo e o Arquipoeta (WOENSEL, 1994, p. 20), mas quanto a Pedro Abelardo não se pode afirmar que foi autor de algum poema, apesar de alguns autores desconfiarem disso, por isso não iremos tratar disso nesta pesquisa.

## 2.1. O MANUSCRITO E OS GOLIARDOS

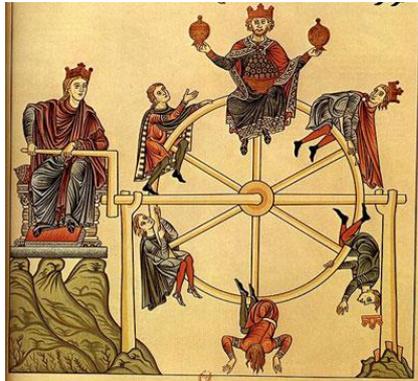
O manuscrito original de *Carmina Burana* datado do século XII até meados do século XIII, é um compilado de poemas e canções escritas por um grupo de poetas conhecidos como goliardos, e que se encontra atualmente na Biblioteca Nacional de Munique, e segundo Hamel (2017, p. 364) é um dos tesouros nacionais da Alemanha. O manuscrito segundo (HAMEL, 2017, p. 364), e que está localizado na Alta Baviera. Ainda segundo Hamel (2017, p. 364) o mosteiro está localizado a 65 quilômetros ao sul de Munique, e foi fundado no século VIII. O manuscrito foi descoberto na biblioteca do mosteiro em 1803, durante as reformas napoleônicas. Hamel (2017, p. 364) nos descreve que o manuscrito “contém cerca de 350 poemas e canções”, porém, somente 23 delas foram utilizadas por Carl Orff<sup>13</sup>. O manuscrito é quase em sua totalidade escrito em latim: “a maioria é em latim, mas o volume tem fragmentos em várias línguas europeias e peças importantes em alto-alemão médio, que estão entre as mais antigas canções em vernáculo sobreviventes (Hamel, 2017, p.364)”. O que podemos observar logo na primeira página do manuscrito é uma figura que nos lembra a tradicional imagem que representa a Roda da Fortuna de Boécio<sup>14</sup>. Apesar da semelhança com a Roda da Fortuna, a imagem ilustrada na primeira página do manuscrito que foi desenhada no *Carmina Burana* pelos goliardos (imagem 3), segundo Hamel (2017, p. 383 a 385) não é a mesma que representa a Roda da Fortuna citada por Boécio (imagem 2), e ilustrada no *Hortus Deliciarum* de Herrade de Landsberg;

---

<sup>13</sup>Compositor, maestro e professor alemão.

<sup>14</sup> A representação da Roda da Fortuna citada por Boécio e ilustrada por Herrade de Landsberg mostra a Deusa Fortuna, não sentada no centro como a imagem do manuscrito, mas ela sempre é representada girando uma manivela que faz a Roda girar mudando a posição do indivíduo que hora está no topo, hora no chão.

**Imagem 2-** La Roue de la Fortune. Calque de Miniatures de l' Hortus Deliciarum de Herrade de Landsberg.



Paris: Bibliothèque Nationale de France (Dept Estampes Ad 144 a). Disponível em: <https://www.ricardocosta.com/artigo/boecio-e-ramon-llull-roda-da-fortuna-principio-e-fim-dos-homens>. Acesso em: 02 de Dez. 2020.

**Imagem 3-** Imagem inicial do manuscrito *Carmina Burana* fonte: retirada da versão digitalizada do manuscrito



Disponível em: [https://archive.org/details/imslp-buranus-anonymous/PMLP57518-Codex\\_buranus](https://archive.org/details/imslp-buranus-anonymous/PMLP57518-Codex_buranus). Acesso em 02 de Dez. 2020.

Porém Hamel (2017, p. 383- 384), ao analisar mais atentamente essa figura percebeu que há diferença entre a Roda da Fortuna que geralmente é retratada com a deusa da Fortuna girando a roda, com a que se encontra no manuscrito. Conforme Hamel explica:

Na atual página de abertura está a famosa Roda da Fortuna, girando inexorável no sentido do relógio. [...]

A figura central sentada na roda é interessante. Sempre é descrita como a representação da própria Fortuna, mas notam-se duas características estranhas. Primeira, a figura não está efetivamente fazendo girar a roda de uma posição dela independente, mas na verdade está sentada dentro dela, estando assim, supostamente, sujeita também às reviravoltas do destino. Mais estranho ainda a figura parece ser de um homem, com a pronunciada sombra de uma barba e de uma protuberância sobre o lábio superior. [...] Olhando para essa figura, de repente me dei conta de que ela decerto é do próprio rei em exercício [...] a figura aqui coroadada está modelada de acordo com a imagem de um rei entronado que era comum no anverso de um selo real ou de uma bula imperial

medieval. Entre todos os grandes selos da Europa na época, o mais parecido em sua composição é o de Frederico II<sup>15</sup> como imperador do Sacro Império Romano, que ele se tornou em 1220. (HAMEL, 2017, p. 383- 385).

Christopher de Hamel (2017, p. 385) ao comentar a respeito, lamenta que, sempre se pensou que a imagem da Roda da Fortuna estar relacionada ao poema *Ó Fortuna*, porém, não foram produzidos na mesma época, mas o poema deve ter sido acrescentado posteriormente.

No que se refere à compilação do manuscrito, Woensel (1994, p. 18) acredita que o manuscrito foi copiado por volta do ano de 1230, podendo este ter sido copiado por três copistas diferentes, com sua encadernação feita muito tempo depois, e que as notas musicais que constam no manuscrito são rudimentares à semelhança das baladas germânicas antigas. Também interessante notar que o manuscrito tem a forma de um breviário<sup>16</sup>, conforme relata Hamel (2017, p. 368) “se eu visse, a alguma distância, alguém estudando *Carmina Burana*, poderia pensar que estava examinando um breviário”. Woensel (1994, p. 18). Ainda chama a atenção para um certo desprezo com relação aos poemas, e que ele pensa ser devido às críticas ao alto clero, além do conteúdo dos poemas que remetem aos prazeres da mesa, do amor e dos jogos. Com relação ao conteúdo dos poemas, eles são divididos em quatro grupos, segundo Hamel (2017, p. 370), “são em geral classificados como: poemas morais e satíricos; canções de amor, que começam com a introdução “*Incipiunt iubili*”, “Começam canções” (isso está no fólho 18v); canções para beber e jogar; e dramas religiosos”. Os poemas de fundo moral e satíricos, que são o objeto de nossa pesquisa, tratam de assuntos como a corrupção moral, política e favorecimentos (exemplo: compra de cargos eclesiásticos), além de zombar das escrituras sagradas e as parodiar.

Há um fascinante texto que zomba do Evangelho, começando no fólho IIr, com o título “*Ewangeliium*” em vermelho (o “w” é da ortografia em alemão), cuja intenção é parecer à primeira vista um trecho normal do Evangelho de São Marcos lido num breviário ou num missal, até se perceber que “marcos” se refere à moeda, marcos de prata, “*INITIUM s[an]c[t]i ev[an]g[e]lii se[cu]nd[u]m marcas argenti, In illo t[em]p[or]e dixit para...*”. É uma narrativa em prosa difamatória sobre o papa e seus cardeais, que se recusam a admitir quem quer que seja a não ser que pague enorme quantia pelo privilégio. (HAMEL, 2017, p. 373).

<sup>15</sup>Frederico II da Alemanha: Imperador da Alemanha e rei das Duas Sicílias, pertencente à dinastia Hohenstaufen (Iesi, Ancona, 1194 - Fiorentino, Apúlia, 1250). Ele era filho de Henrique VI do Sacro Império Romano e neto germânico de Frederico I Barbarossa. Quando sua mãe, Constança da Sicília (1198) morreu, ele herdou o Reino das Duas Sicílias; desde então, ele foi criado sob a proteção do papa Inocêncio III, como um príncipe italiano pouco interessado nos assuntos alemães.

Fonte: [https://www.biografiasyvidas.com/biografia/f/federico\\_ii\\_de\\_alemania.htm](https://www.biografiasyvidas.com/biografia/f/federico_ii_de_alemania.htm). Acesso em: 12 Nov. de 2020.

<sup>16</sup> Um breviário era (e para muitos monges ainda é) a compilação padrão de salmos e de textos para o ano inteiro de serviço na igreja, recitado durante os ofícios diários, das matinas às completas. Era usado pelo clero e membros das casas religiosas. (HAMEL, 2017, p. 368 e 370).

Há muitas outras observações de Christopher de Hamel a respeito da natureza dos poemas que iremos tratar no segundo capítulo. O que ele também nos relata é que quase todos os textos datam do século XII, mas que o manuscrito, segundo Hamel (2017, p. 390), não foi escrito de forma planejada, pois há canções e imagens que foram acrescentadas somente após o manuscrito ser escrito. Os poemas do *Carmina Burana* são em sua grande maioria de autores anônimos, mas segundo relato de Hamel (2017, p. 392), há um poema que indica que seu autor foi “Walter de Chântillon (1135- 1204, vitimado pela lepra). Há ainda outros nomes que se supõe sejam autores de alguns poemas. Segundo Hamel (2001, p. 402) devemos considerar o manuscrito “*Carmina Burana* como um produto daquela grande mudança no século XII: de um estudo exclusivamente monástico à migração do conhecimento para as ruas do lado de fora”. Ele também relata que:

não há nada visível no manuscrito que nos mostre como ou quando ele chegou posteriormente ao mosteiro beneditino em Benediktbeuern. [...] Quando a propriedade eclesiástica na Baviera foi secularizada em 1803, o responsável oficial por inspecionar Benediktbeuern foi Johann Christoph, barão de Aretin (1773- 1824). Ele escreveu que encontrou lá um esconderijo com livros proibidos, os quais, ao menos na interpretação protestante acima citada, podem ter incluído canções consideradas inapropriadas para monges. (HAMEL, 2017, p. 403).

Segundo Hamel (2017, p. 402), foi um amigo de Pedro de Blois que, querendo gravar a alegria de sua juventude, teve a ideia de escrever os poemas do manuscrito, pois “muitos dos poemas em *Carmina Burana* tinham sido transmitidos de forma oral durante mais de cem anos”. Buscaremos agora conhecer quem foram esses poetas que durante os séculos XII e XIII, andaram pelas universidades e cidades francesas e italianas entre outras, compondo e cantando seus poemas e sátiras em latim. Os goliardos, e o *Códex Buranus*, também conhecido como *Carmina Burana*, ficaram conhecidos (como citado acima) em nosso tempo devido à ópera de Carl Orff no início do século XX, que musicalizou 23 poemas escritos por eles.

Os goliardos foram um grupo de poetas e intelectuais anônimos que viveram entre os séculos XII e XIII em regiões da atual Itália, França e Alemanha, escrevendo, poemas e canções em latim, diferente de outros poemas no mesmo período. Mesmo sendo clérigos, a diferença está exatamente na sátira que produziram em meio a obras que eram em sua grande maioria mais sérias e voltadas à contemplação e oração. Por sua vez, mesmo os goliardos fazendo parte

do meio clerical, levarem como sinal a tonsura<sup>17</sup>, foi um grupo que sofreu com a marginalização<sup>18</sup> pelo próprio clero, que os perseguiu até seu desaparecimento. Disto falaremos um pouco mais no segundo capítulo.

Os goliardos, ao iniciarem seus estudos, tinham que seguir as regras que eram normas nas universidades e escolas. Essas escolas eram vigiadas pela Igreja, para que ideias novas não corrompessem os estudantes: “os clérigos, monges sobretudo, apegados à tradição, encarregaram-se de garantir uma vigilância constante das escolas urbanas” (VERGER, 2001, p. 57). Le Goff (1988, p. 70) diz que: “Os estatutos determinam, enfim, as obras piedosas, os atos de beneficência que a corporação universitária deveria executar. Eles exigem de seus membros a assistência a alguns ofícios religiosos, a certas procissões, a prática de certas devoções”. Porém os estudantes pareciam não concordar com isso, além de ser provável que ao observarem que por parte do clero não se cumpria o que se exigia, se tornando assim contraditório o discurso. Tomamos que poderia ter sido provavelmente esse um dos motivos para esse enfrentamento, por meio dos poemas, manifestando ali sua insatisfação com o sistema clerical.

A moral profissional torna-se um dos setores privilegiados da religião. Os manuais de confessores, preocupados em se adaptarem às atividades específicas dos grupos sociais, regulamentam a confissão e a penitência conforme as categorias profissionais, classifica e define os pecados dos camponeses, dos mercadores, dos artesãos, dos juízes etc. Eles concedem uma atenção especial aos pecados dos intelectuais, dos universitários. Mas a religião dos eruditos não se contenta em seguir as correntes da devoção. (LE GOFF, 1988, p. 70)

Suas canções, exaltavam, não somente como já foi dito na introdução a Baco e Vênus, como também o culto às tabernas e ao vinho, o comer e beber, aproveitar a vida, contexto que vai contra o cotidiano dos mosteiros que pregavam uma vida de sacrifícios, jejuns, oração e contemplação. Os goliardos conheciam tanto os textos bíblicos, como a literatura pagã da antiguidade. Segundo Hamel (2017, p. 402), o monge ao ler os livros e textos bíblicos, fazia pausadamente e decorando os mesmos do início ao fim, o que explica esse conhecimento dos

---

<sup>17</sup>A tonsura é um corte rente de parte do cabelo, geralmente de forma arredondada, realizado numa cerimônia religiosa pelo bispo, ao conferir ao ordinando o primeiro grau no clero, chamado também "prima tonsura". O significado original era o de renúncia às vaidades mundanas.

Fonte: <https://www.dicionarioinformal.com.br/tonsura/>. Acesso em: 12 Nov. de 2020.

<sup>18</sup>Aqui significa exclusão do grupo em tarefas como cantar hinos nas missas, raspar suas cabeças a fim de identificá-los como subversivos. (YORS, 1868, p. 109). E lançados na periferia do movimento intelectual por causa de seus poemas (LE GOFF, 1988, p. 39).

textos bíblicos que eram utilizados para compor sátiras também. Segundo Le Goff esses clérigos, ganharam simpatia de uns e o desprezo de outros.

Os clérigos goliárdicos ou errantes foram tratados como vagabundos, lascivos, charlatães, bufões. Taxaram-nos de boêmios, pseudo-estudantes, foram às vezes vistos com olhos enternecidos - é preciso viver a juventude -, outras vezes com temor e desprezo: arruaceiros, transgressores da ordem, não seriam eles gente perigosa? Outros, ao contrário, viam nele *uma espécie de intelligentsia urbana*, um grupo revolucionário, aberto a todas as formas de oposição declarada ao feudalismo. (LE GOFF, 1988, p. 32).

Eles eram estudantes conhecidos como clérigos vagantes, clérigos vagabundos, eram chamados assim, “precisamente por causa de sua vida errante, lhes foi aplicado a qualidade de “vagabundos”: *clerici vagantes*, popularmente conhecidos como goliardos” (CASQUERO, 1997, p. 67). Ainda que a sociedade e a Igreja possam ter considerado que os goliardos eram todos considerados vagantes, Casquero diz que não foi bem assim, pois:

nem todos os clérigos errantes eram poetas, nem que todos os poetas que compuseram versos no "estilo goliárdico" eram clérigos errantes, embora talvez em algum momento de suas vidas possam ter sido. Do mesmo modo, junto com os goliardos miseráveis, malsucedidos e arruinados, houveram outros que alcançaram altos cargos na sociedade. (CASQUERO, 1997, p. 79).<sup>19</sup>

Contudo, não eram somente estudantes pobres, como se imagina, que compunham esse grupo de poetas, e apesar de a maioria ter ficado no anonimato, há alguns nomes que ficaram conhecidos como sendo autores de poemas que compunham o manuscrito *Carmina Burana*. Hamel (2017, p. 392) cita alguns desses poetas que não ficaram no anonimato, como: “Walter de Châtillon, Hugo d’Orléans, Pedro de Blois, Felipe o Chanceler (escreveu o *CB 131- Dic Christi Veritas (Diga Cristã Verdade)* que consta nesta pesquisa) e o Arquipoeta”<sup>20</sup>. Podemos encontrar no site Bibliotheca Augustana todos os poemas do *Carmina Burana*, na versão em latim, onde consta o nome de alguns poetas goliardos no qual é atribuído a autoria de alguns

<sup>19</sup> “no todos los *clerici vagantes* eran poetas, ni que todos los poetas que compusieron versos al “estilo goliárdico” fueron *clerici vagantes*, aunque quizá en algún período de su vida pudieron serlo. Del mismo modo, junto a goliardos miserables, fracasados y ruines, hubo otros que alcanzaron altos puestos en la sociedad.” (CASQUERO, 1997, p. 74).

<sup>20</sup>Walter de Châtillon (1135- 1204), teólogo francês e autor de uma epopeia popular sobre Alexandre, o Grande.[...] Hugo d’Orléans (1160-1236), de Paris e alhures, apelidado Primas; a Pedro de Blois (1130 - 1212), advogado do clero e servidor público, secretário de Henrique II da Inglaterra; a Felipe, o Chanceler, chanceler das escolas da Catedral de Notre-Dame de Paris a partir de 1217; ao enigmático Arquipoeta, como chamava a si mesmo, membro da casa de Rainald de Dassel, arcebispo de Colônia de 1156 a 1165; (HAMEL, 2017, p. 392).

poemas<sup>21</sup>. As críticas que fizeram contra o clero acarretaram em uma perseguição por parte da Igreja. Talvez diante dessa perseguição muitos deles optaram pelo anonimato e, no século XIII, eles desapareceram. Não se sabe ao certo o porquê foram chamados goliardos, pois a origem do nome é incerta. Mas tem aqueles que dizem que goliardo se refere ao gigante Golias da Bíblia ou que está relacionado à gula, outros que existiu um bispo de nome Golias. Le Goff diz o seguinte a respeito:

Se ignorarmos a origem do termo goliardo, descartando as etimologias fantasistas que o fazem derivar de Golias, encarnação do diabo, inimigo de Deus; ou de gula (goela) para tornar seus discípulos glutões ou fortes de goela; e, uma vez reconhecida a impossibilidade de se identificar um Golias histórico, fundador de uma ordem da qual os goliardos teriam sido membros, restam-nos alguns detalhes biográficos de certos goliardos, compilações de poesias atribuídas a eles - individual e/ou coletivamente, como o *Carmina Burana* - e textos contemporâneos deles, que os condenam ou denigrem. (LE GOFF, 1988, p. 32).

O certo é que eles existiram, escreveram poemas que deixaram para nós críticas à sociedade europeia do século XII e XIII por meio de uma rica literatura, independentemente da origem do nome goliardo ao qual nos referimos a esse grupo de poetas errantes. Diante dessa literatura, que nos faz compreender a História desses poetas, vamos procurar entender o fundamento das críticas feitas pelos goliardos.

## 2.2- HISTORIOGRAFIA

Os principais historiadores, que nos guiarão nesta pesquisa, são Jacques Le Goff, Antonio M. Casquero, Jacques Verger, Giulio Bertoni e Alain de Libera. Esses autores são importantes pelo conteúdo que cada um deles aborda, que vem a enriquecer nossa pesquisa.

No livro de Giulio Bertoni *Poesie legende costumanze del médio evo*, publicada pela primeira vez em 1917, ele fala, em um capítulo com o título de “La poesia dei Goliardi”, a história dos goliardos. Trata do nascimento das universidades, os decretos papais de fundo disciplinar que levaram às proibições contra os goliardos, até seu desaparecimento. Também conta a história, mesmo que resumida, de Pedro Abelardo, e a rivalidade entre ele e Bernardo de Claraval. Os concílios que de certa forma foram os responsáveis pelos goliardos irem desaparecendo ao longo das décadas também estão relatados em sua obra, além de outras

---

<sup>21</sup>As informações referentes ao nome de alguns autores dos poemas estão disponíveis em: [https://www.hs-augsburg.de/~harsch/Chronologia/Lspost13/CarminaBurana/bur\\_car0.html](https://www.hs-augsburg.de/~harsch/Chronologia/Lspost13/CarminaBurana/bur_car0.html).

influências culturais que a Itália teve na produção literária ao longo dos séculos. Para Giulio Bertoni (2013, p. 12), o termo *scolare*<sup>22</sup> (escolar) era o sinônimo de clérigo, e os mesmos recebiam a tonsura, que era o sinal de pertença ao meio clerical. Essa pertença ao clero dava a eles benefícios, ou seja, as chamadas prebendas, para se “dedicarem aos estudos” (BERTONI, 2013, p. 12). Porém, haviam algumas exigências que eram comuns tanto aos estudantes como aos consagrados. Como relata Bertoni (2013, p. 12), estes clérigos eram divididos em regular e secular, ambos deviam manter tanto o celibato quanto as vestes clericais<sup>23</sup>. Portanto mesmo sendo estudantes, eram considerados parte do clero, eram também intelectuais.

Além de Giulio Bertoni, também nos é caro o livro de Jacques Le Goff *Os intelectuais da Idade Média*, com sua primeira edição em 1957, e posteriormente em 1988 publicada no Brasil, pela editora Brasiliense. Esta obra fala sobre como surgiram os intelectuais e o início das universidades medievais, junto com o crescimento das cidades. Trata também da questão da hipocrisia do clero e o surgimento dos goliardos, denunciando em seus poemas o que se passava dentro do meio intelectual. Pois eram as Igrejas que comandavam tanto as escolas como as universidades medievais, principalmente na França e Itália, e a intelectualidade dos goliardos em meio aos intelectuais do clero.

Quanto à Jacques Le Goff, sobre o surgimento desses intelectuais, ele os liga com o surgimento das universidades juntamente com o crescimento das cidades.

No princípio havia as cidades. O intelectual da Idade Média, no Ocidente, nasce com elas. É com seu desenvolvimento, ligado à função comercial e industrial- digamos, modestamente, artesanal-, que ele aparece, como mais um homem de ofício dentre os que se instalam nas cidades, onde se impõe a divisão do trabalho. (LE GOFF, 1988, p. 20).

Os clérigos eram um grupo que, diferente dos demais, não tinham somente a função específica de rezar. Segundo Le Goff os clérigos se ocupavam também de todas as outras demais funções, nos séculos XII e XIII, não lhes sobrando muito tempo, tanto que, mal correspondiam a uma especialização nos trabalhos por se ocupar de tudo;

O servo, ainda que cultivando a terra, era também artesão. O nobre, soldado, também era proprietário, juiz e administrador. Os clérigos, sobretudo os monges, eram frequentemente tudo isso a um só tempo. O trabalho do espírito era uma dentre suas atividades. Não constituía um fim em si mesmo, mas,

---

<sup>22</sup>«Scolare» era nel medio evo un vocabolo, si può dire, sinonimo di «chierico». I chierici con la tonsura ricevevano un beneficio più o meno adeguato alle esigenze della loro vita e potevano perciò darsi agli «ozî» degli studi. (BERTONI, 2013, p. 12). Todas as traduções são de responsabilidade da autora desta pesquisa

<sup>23</sup>I chierici si dividevano in «regolari» e «secolari»; gli uni e gli altri in obbligo di mantenere il celibato e l'abitochiericale, ma i primi erano aggravati di maggiori doveri che i secondi. (BERTONI, 2013, p. 12).

combinado com os demais aspectos de sua vida, estava pela regra voltado para Deus. Ao acaso de sua existência monástica, os clérigos podiam assumir em dado momento a figura de professores, sábios, escritores. (LE GOFF, 1988, p. 20).

Portanto, esse tipo de trabalhador intelectual que descreve Le Goff (1988, p. 21) é “um homem cuja profissão seja escrever ou ensinar - ou melhor, as duas ao mesmo tempo -, um homem que tenha profissionalmente uma atividade de professor e de sábio, em resumo, um intelectual, este homem somente aparece com as cidades”.

Os goliardos são intelectuais e, na visão de Le Goff (1988, p. 31), são “um grupo estranho de intelectuais”, que escreviam os seus poemas em latim, o que demonstra que eram pessoas que conheciam a língua utilizada pela Igreja e possuíam instrução. O latim era a língua oficial da Igreja, e os poemas satíricos e críticos escritos pelos goliardos, eram direcionados principalmente para os que a dominavam: “a língua científica é o latim” (LE GOFF, 1988; p. 26). Se observarmos o fato que a Igreja era a responsável pelas escolas e universidades, a utilização do latim como língua do meio intelectual contribuiu na comunicação entre os estudantes vindos de diversas partes. Estes estudantes vinham em busca de instrução de diversos países, como por exemplo da Itália, Alemanha, Inglaterra e França. Mas também devemos levar em consideração que a utilização do latim se deu pelo fato do latim ser a língua oficial do Ocidente Cristão. Como diz Jacques Verger (2001, p. 12), que “o uso generalizado do latim, assim como a referência a um sistema comum e validado pela Igreja, garantia, em teoria, a homogeneidade da instituição escolar através de toda a cristandade”.

Estes estudos, principalmente os que se davam sob controle da Igreja, não necessariamente eram para a formação de sacerdotes, mas eram também voltadas para a formação de diversos cargos para serviço da sociedade e da Igreja, como por exemplo, a formação de médicos, advogados, escriturários, tradutores entre outros.

Alain de Libera trata do tema no capítulo “Filósofos e Intelectuais”, do livro *Pensar na Idade Média*, publicado originalmente no ano de 1991, e em 1999, no Brasil. Quando se refere ao intelectual medieval, o chama de homem novo, também denominado “universitário”, caracterizando esse universitário intelectual como um intelectual orgânico, um “alto funcionário a serviço da Igreja e do Estado”, ou ainda “um trabalhador do canteiro urbano” mas “apegado aos privilégios clericais e a língua latina”.( LIBERA, 1999, p. 139). Mas ele também afirma que o intelectual é um filósofo: “o filósofo trabalha e pensa, é um intelectual” (LIBERA, 1999, p. 150). Partindo da ideia de Alain de Libera, podemos crer que todos os intelectuais na idade média de certa forma são filósofos, dentro daquilo que fazem, sejam teólogo ou artistas. Para ele, “o intelectual não se renega pelo simples fato de ser universitário, e não basta “tomar

suas distâncias” em relação à universidade para ser um intelectual.” (LIBERA, 1999, p. 142). Ele também diz que até o século XI a vida desse “intelectual está confinada nas escolas ditas monásticas” (LIBERA, 1989, p. 22), ou seja, até o século XI somente o clero regular era quem possuía conhecimento intelectual. Com o crescimento das cidades, esse clero sai da vida de silêncio dos monastérios e passa a exercer funções seculares, em meio à população nas cidades e, conseqüentemente, por meio das escolas, leva o conhecimento que era de exclusividade da Igreja para a essa mesma população.

O historiador Casquero, em seu artigo “El mundo de los Goliardos y Clérigos vagabundos”, publicado em 1997, fala de forma mais direta a respeito dos goliardos. Dois anos depois de sua parceria com Jose Oroz Reta, que juntos escreveram em 1995 o livro *Lírica Latina Medieval - I: Poesía Profana*. Nessa obra os autores citam em tópicos específicos destinados a tratar de forma individual e cronológica, do século VII ao XIII, dos poetas e escritores medievais. Nesses tópicos do livro aparecem o nome de alguns goliardos, como o Gualtero de Chantilon, Pedro Abelardo, o Arquipoeta de Colonia, Pedro de Blois. Em ambas obras o historiador faz uma comparação entre os goliardos e o Arquipoeta de Colônia e também cita que não se pode resumir os goliardos a somente um grupo de vagabundos, já que haviam goliardos até no mais alto escalão eclesiástico (CASQUERO, 1997, p. 67). Na visão de Casquero, houve um pequeno engano ao classificar todos os goliardos como errantes, e que estavam à margem da sociedade pois, segundo ele, o que classifica esses poetas como goliardos é o modo de escrever, pois entre eles haviam pessoas do alto clero. Ele ainda explica a rivalidade entre Pedro Abelardo e São Bernardo de Claraval. Casquero cita que São Bernardo chamava Pedro Abelardo de Golias, que na Bíblia se refere ao gigante Golias, que era arrogante, e diz que sendo assim Pedro Abelardo seria o primeiro a ser qualificado como goliardo (CASQUERO, 1997, p. 69). Mas não só Pedro Abelardo foi identificado como um dos escritores desse compilado de poemas, outros nomes também compõem esse universo, e iremos tratar disso mais adiante de forma sucinta, pois não é nosso objetivo principal. Já no livro *Lírica Latina Medieval - I: Poesía Profana*, Casquero juntamente com Reta, cita também outros manuscritos que levam autoria dos goliardos em alguns poemas, descrevendo os manuscritos e sua localização e o tipo de poesias escritas, que são: o *Carmina Cantabrigensia*<sup>24</sup>; o *Carmina*

---

<sup>24</sup>*Carmina Cantabrigensia* forma parte del ms. de la Biblioteca de la Universidad de Cambridge: Gg. 5, 35, s.XI (RETA Y CASQUERO, 1995, p. 62).

*Arundelliana*<sup>25</sup> e o *Carmina Rivipullensia*<sup>26</sup>, mas estes não são o nosso foco, pois nossa pesquisa é relacionada somente ao *Carmina Burana*.

Os goliardos são clérigos, mas esse termo clérigo não significava que eles se dedicavam somente ao sacerdócio, eles recebiam a tonsura (que era o sinal de pertencer ao clero, mesmo que no mais baixo nível), quando entravam para os mosteiros, mas também para as escolas que por sua vez eram de responsabilidade total ou parcial da Igreja.

Note-se que a palavra clérigo nessa época [...], não indica apenas aquele que foi ordenado, mas qualquer pessoa entregue ao estudo [...]. O termo clérigo apresenta um amplo espectro de significados: escriturário, secretário, atuário, sacristão, clérigo, doutor, erudito, entre outros. (RETA Y CASQUERO, 1995, p. 29).<sup>27</sup>

Quando do surgimento das escolas e universidades, esse termo clérigo que antes era designado somente aos pertencentes ao clero, passa a denominar, como vimos acima, todo aquele que se dedicava aos estudos, tanto sacerdotes como leigos que entravam nas instituições para estudar. Como afirma Le Goff (1988, p. 60), “os universitários são clérigos”, e por conta disso, o bispo da localidade de cada escola ou universidade os reclama como seus súditos, o que indica que eles também acabavam por prestar serviços à Igreja, mesmo que não fossem ordenados, como ajudantes no altar das ofertas ou até mesmo serviços administrativos. Esses estudantes ou professores, intelectuais, por ter o título de clérigo, e estar debaixo da supervisão do clero secular, também obtinham os mesmos benefícios políticos que os eclesiásticos. E quando os goliardos perderam o sinal (tonsura) de pertença a esse meio, também perderam os benefícios, mas sobre isso falaremos no segundo capítulo destinado à análise das críticas e o desaparecimento dos goliardos.

Temos também a visão do historiador Jacques Verger, no livro, *Cultura, Ensino e sociedade no Ocidente: nos séculos XII e XIII*, que foi originalmente publicada em 1999, e em 2001 na versão traduzida, pela EDUSC. Ele também aborda o nascimento das universidades e

<sup>25</sup>*Carmina Arundelliana* (ms. 384)- El manuscrito Arundel 384 de la British Library contiene principalmente obras en prosa, como algunos sermones o pasajes tomados del Antiguo y del Nuevo Testamento y las Moralitates de Roberto Holcot. Sigue a todo esto una versión de la pseudo-ovidiana *Vetula* y los poemas que se refieren de una manera o de otra a la lírica o *carmina* Arundel. (RETA Y CASQUERO, 1995, p. 65).

<sup>26</sup> *Carmina Rivipullensia*: Estos *carmina* están contenidos en el ms. 74 Rivipullensis, procedente, como indica su mismo nombre, del monasterio de Ripoll, y actualmente en el Archivo de la Corona de Aragón, de Barcelona. Por ser la única colección de *carmina* amorosa que aparece en España, tiene una especial importancia en la historia de la lírica latina medieval, pues es la única contribución del lado más acá del Pirineo al brillante florecer de la lírica amorosa latina en la Europa de entre los siglos XI y XIII, época en que surgen colecciones como los justamente famosos *Carmina Burana*. (RETA Y CASQUERO, 1995, p. 68).

<sup>27</sup> Hay que observar que la palabra *clericus* en esa época, como hemos de ver más adelante, no indica sólo el que ha sido ordenado, sino cualquiera entregado al estudio, como sucede con el término inglés «clerk». El término *clericus* presenta un amplio espectro de significado: «escribiente», «secretario», «actuário», «sacristán», «clérigo», «docto», «erudito», entre otros. (RETA Y CASQUERO, 1995, p. 29).

sobre os intelectuais medievais, detalhando como eram os estudos na idade média, mais precisamente nesse recorte de tempo, no qual estamos trabalhando em nossa pesquisa. Jacques Verger ao escrever a respeito do surgimento das universidades, afirma que elas não nasceram simplesmente, mas que foi uma “passagem das escolas monásticas às escolas catedrais e destas às universidades” (VERGER, 2001, p. 12).

Por conta dessa passagem, houve uma maior busca pelo aprendizado e Jacques Verger (2001, p. 10) diz que mesmo que na idade média ocidental, a maioria da população fosse analfabeta, houve principalmente a partir do século XII e XIII uma busca, mesmo que mínima, pela escrita, seja ela “latina ou vernacular”. A difusão das universidades também ocorre não só pelo fato de a população querer ter acesso às letras, mas também por interesses pessoais. Com a expansão das cidades, há maior circulação de riquezas, o que, segundo Verger (2001, p. 23), tornou possível uma maior mobilidade social. Com essa mobilidade “os que se dedicavam aos estudos e à cultura podiam legitimamente querer tirar proveito de seu trabalho” (VERGER, 2001, p. 23), pois esse conhecimento ajudou esses intelectuais a subir seu *status* social.

Também houve nesse período uma reforma da Igreja que favoreceu mais ainda o aumento de intelectuais.

A reforma foi inicialmente reforma do clero secular e revalorização de seu papel pastoral (predicação e sacramentos), ao menos ao nível dos bispos e dos cônegos, das paróquias, sobretudo rurais, ficando provavelmente menos acessível aos esforços dos reformadores. Isto exigia maior número de clérigos cultos, logo formados nas escolas. [...].

A reforma atingiu também o mundo monástico e regular. (VERGER, 2001, p. 26- 27).

Essa reforma favoreceu também a evangelização dos leigos e, segundo Verger (2001, p. 27), “o recurso às formas modernas da cultura e do ensino apareceu rapidamente como um meio eficaz de se preparar para a ação pastoral”. Além disso ela fortaleceu o poder papal como autoridade única da Igreja. Mas também provocou “uma profunda mutação na distribuição dos poderes e da autoridade no seio da Igreja”, mas também no meio da sociedade, (VERGER, 2001, p. 28). Com as mudanças que estavam acontecendo não só a Igreja necessitou de mais pessoas letradas, como também o príncipe<sup>28</sup>, para poder garantir a proteção da sociedade, seja militarmente ou administrativamente, necessitou de mão de obra qualificada para ajudá-lo: “ele

---

<sup>28</sup>Jacques Verger não cita o nome de um príncipe específico, pois fala de uma autoridade política de enfrentamento, muitas vezes contra o poder do papa, que vai desde o século XII na Inglaterra e na Itália do Sul, na França e na Península Ibérica no século XIII. Portanto, fica difícil nominar essa autoridade que ele chama de príncipe. As informações estão disponíveis nas páginas 28 e 29 do livro *Cultura, Ensino e Sociedade no Ocidente: nos séculos XII e XIII*.

precisava evidentemente não apenas de servidores fiéis, mas de uma equipe competente de homens experientes nas técnicas da escrita e nas sutilezas do direito” (VERGER, 2001, p. 29). Diante disso, foi essencial que houvesse uma formação intelectual, e assim como dito anteriormente, as escolas que antes eram monásticas, foram mudando diante das necessidades para universidades, e com elas os intelectuais que antes se limitavam ao recolhimento dos mosteiros, aumentam e rumaram para as cidades.

É com essa migração do intelectual, que começam a surgir os goliardos, que vagavam de universidade em universidade em busca de conhecimentos diversos, e para ouvir os mestres que lhe agradavam. E assim produziram uma literatura poética, satírica, profana e tabernária, na qual denunciavam a hipocrisia e os erros, de parte do clero e população em geral, utilizando da língua culta, o latim. Deixando para a posteridade manuscritos que, na falta de outro tipo de fonte histórica, talvez por ter sido perdida ao longo dos séculos, (aqui nos referimos a fontes oficiais, documentos ou registros, depoimentos, relatos, que não sejam somente o manuscrito e a poesia em si), assim, a literatura utilizada aqui como fonte histórica, conta um pouco desses poetas errantes. É o que veremos no capítulo 2, o que esses poetas nos deixaram referente à sua trajetória que findou, ao menos é o que se imagina, em meados do século XIII.

### 2.3- LITERATURA COMO FONTE HISTÓRICA

Algo que nos chamou a atenção foi a escassez de obras que abordam o tema sobre os goliardos. Todo material coletado por meio digital e físico, se repete quando se referem aos goliardos, limitando nosso trabalho.

Mas apesar de poucas produções que tratam dos goliardos e seus manuscritos, Segismundo Spina afirma que:

naquele período de transição entre as duas Idades Médias, não podemos subestimar a importância da poesia dos chamados goliardos, uma classe de clérigos vagantes, padres desclassificados, cujas canções em latim, de caráter tabernário (em torno do amor, do vinho e do jogo), oferecem uma contribuição preciosa para a formação da lírica occitânica do século XII. (SPINA, 1997, p. 19).

Nossa pesquisa, portanto, se trata de um trabalho no qual estamos utilizando uma fonte literária medieval. Ela foi escrita não por um autor específico, mas por um grupo de poetas anônimos, em sua grande maioria, chamados também de clérigos vagantes. Por meio de suas poesias, os goliardos atacavam as instituições e a sociedade em geral, mas em especial a Igreja,

usando para isso, da sátira para criticar a todos. Para entendermos o tipo de literatura que estamos trabalhando, utilizaremos alguns autores que tratam das produções literárias, e também dos goliardos.

O estudo mais antigo que encontramos foi a obra escrita em espanhol de D. Joaquin Rubió Yors, publicada no ano de 1868 em Barcelona com o título *Apuntes para una Historia de la sátira: em algunos pueblos de la antigüedad y de la edad media*, no qual o autor fala a respeito da influência e importância da sátira. Yors (1868, p. 93) afirma, portanto, que a sátira produzida na idade média era escrita em sua grande maioria por membros do clero: “Sim, senhores, o clero é o autor de quase todas as sátiras escritas em latim nesses e em muitos dos séculos seguintes”. O que nos leva a refletir mais ainda o motivo das críticas, contra o próprio clero, o que pretendemos analisar no segundo capítulo dessa pesquisa.

Outro autor que recorremos para a compreensão da literatura utilizada na pesquisa em História, foi Segismundo Spina, em duas obras suas: *A Lírica Trovadoresca* com sua primeira edição no ano de 1956, e sua segunda edição que é a que temos, de 1972; e *Cultura Literária Medieval: Uma introdução* com sua primeira edição no ano de 1973 e segunda edição em 1997 (que é a versão que estamos utilizando). Ambas tratam a respeito da poesia dos goliardos, mesmo que em poucas páginas. Falando o tipo de poesia, e a influência que essa poesia teve para outras formas poéticas posteriores. Assim, a produção literária desse período intermediário, que fica entre os séculos XI a XIII, segundo Spina (1997, p. 18), se trata de “uma literatura latina, monacal, de intenções predominantemente didáticas e apologéticas, obra de copistas”, Segismundo Spina em sua obra *A Cultura Literária Medieval*, diz que na produção literária muitos são os fatores que interferem na produção literária medieval, como:

fatores históricos, genéticos, sociológicos, políticos, econômicos interferem de tal forma na atividade literária medieval, que se torna inviável uma visão sumária e nítida da formação, da elaboração, da diversidade e da difusão da matéria literária, nesse longo e agitado lapso de dez séculos. A estrutura social, a influência permanente da Igreja, os sucessivos fluxos migratórios e invasores (germânicos, húngaros, irlandeses e árabes), de altas e complexíssimas consequências culturais; a organização política feudal, o fenômeno ecumênico das Cruzadas e a consequente contribuição das formas culturais do Oriente, asiática e bizantina; as heterodoxias religiosas e, como substrato disso tudo, a permanência dos resíduos culturais da Antiguidade Clássica atenuada e descaracterizada pela Igreja. (SPINA, 1997; p. 15-16).

Ainda segundo Spina (1997, p. 16) há uma diferenciação da literatura do final da Antiguidade Clássica, com a posterior ao século XI, que essa diferença está nas “formas e no espírito”. Até então, segundo ele, a literatura era do tipo “monástico, que, até certo ponto, pode

ser reduzida a narrativas hagiográficas e a poemas litúrgicos, cuja forma fundamental é representada pelos hinos” (SPINA, 1997; p. 16). Assim sendo, o que observamos nas poesias dos goliardos é que, de certa forma, são parecidas com a literatura monástica, não só na língua latina, mas no ritmo, como por exemplo a missa no rito Tridentino. Porém, a poesia dos goliardos é escrita de forma satírica, como nesta canção que encontramos disponível na internet, no youtube, *In taberna quando sumus*, que além da escrita em latim, traz à lembrança partes de ritos cantados na missa, como por exemplo a oração eucarística<sup>29</sup>. Spina (1997, p. 20) portanto faz uma divisão da literatura medieval, em três tipos: “literatura empenhada, literatura semi-empenhada e literatura de ficção<sup>30</sup>”. A literatura na qual os poemas dos goliardos se encaixa é a “literatura semi-empenhada (ou de moral profana)”:

por literatura semi-empenhada entendemos um tipo de produção literária de feição intermediária, dirigida por intenções satíricas mas já com evidentes propósitos artísticos, e cujas formas mais representativas são os poemas líricos dos goliardos, a poesia alegórica ( *Roman de Renart*, *Roman de la Rose*, *Divina Comédia*<sup>31</sup>), os fabliaux e o teatro cômico.[...] A poesia goliardesca é, em grande parte, sátira política e anticlerical. (SPINA, 1997, p. 20).

Ainda referente ao tipo de literatura produzida pelos goliardos, que satiricamente criticava até a mais alta hierarquia da Igreja, temos a visão de Otto Maria Carpeaux (2008, p. 193- 194) que diz que a literatura da idade média é anti-ascética<sup>32</sup>, ou seja, de fundo profano e alegórica, mesmo que produzida até mesmo por pessoas do clero. Conforme Carpeaux (2008, p. 192) “a alegoria é o instrumento supremo do humanismo medieval”. Otto Maria Carpeaux em sua obra publicada no ano de 1959 com o título *História da Literatura Ocidental Vol. I*, reservou um capítulo para falar um pouco do tipo de literatura escrita pelos goliardos, mas em suma sua obra é toda a respeito da literatura italiana.

<sup>29</sup>Nessa canção por exemplo vemos a semelhança com algumas partes que sacerdotes cantam na liturgia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=22F5eY7MsLM>. Acesso em: 18 de Out de 2020.

<sup>30</sup>Literatura empenhada: no sentido em que uma intenção pedagógica, didática, apologética, missionária, edificante, preside à sua elaboração (SPINA, 1997, p. 20). Literatura de ficção: consiste numa produção de evidentes intuítos estéticos, literatura desinteressada, estaria representada pela *poesia épica*( *as sagas escandinavas*, as canções de gesta francesas e o *Niebelunglied* alemão) pela lírica trovadoresca, pela poesia narrativa romancística (as baladas) e pela *narrativa novelesca* (o romance cortês, cavalheiresco, o romance de aventura e a novela erótico-sentimental).(SPINA, 1997, p. 21).

<sup>31</sup>Grifo nosso.

<sup>32</sup> Ascetismo: Os praticantes dessa filosofia de vida acreditam que o corpo material é fonte de grandes males, e nele está ausente a divindade. Por esta razão ele deve ser desprezado e excluído de nossas metas elevadas. Tudo que está relacionado a ele, como as impressões despertadas por estímulos internos ou externos, os impulsos naturais, as paixões, as delícias da carne, bem como qualquer tipo de prazer, devem ser igualmente desconsiderado e renegados, pois assim torna-se possível conquistar o saber. Informação retirada do site info-escola. Disponível em:< <https://www.infoescola.com/filosofia/ascetismo/>>. Acesso em: 28 Nov. 2020.

O manuscrito *Carmina Burana* nos mostra uma cultura literária com característica satírica, diferente da maioria das produções medievais, que levavam à contemplação e oração, como também difere das hagiografias como, por exemplo, a obra de Jacopo de Varazze *Legenda Áurea*. *Carmina Burana*, assim como outros tipos de fontes medievais, como obras de arte, documentos oficiais e não oficiais da idade média, são diferentes de uma visão popular, que nos é mostrada nas obras de uma cultura popular midiática, cinematográfica, que é um tanto romantizada, mostrando um medievo cheio de aventuras e histórias de amores e lendas, feiticeiros e bruxas, dragões e etc. Além também de termos observado que até mesmo nas produções literárias, o que encontramos é mais uma pesquisa que se voltou por muito tempo ao tema de cavalaria, o amor cortês, e até lendas e fábulas. Um exemplo desse tipo de produção é a obra de Segismundo Spina *A Cultura Literária Medieval: uma introdução*, utilizada por nós, que dedica menos de meia página somente situando a poesia dos goliardos dentro da literatura medieval, e dando ênfase à poesia cavalheiresca, e amor cortês. O que os goliardos deixaram nesses poemas foi uma visão que nos remete às insatisfações desse grupo de clérigos frente à hipocrisia e corrupção dos que detinham o poder nesse período, o que será discutido no próximo capítulo de nossa pesquisa.

### 3 OS GOLIARDOS SEGUNDO SEUS POEMAS E SUAS CRÍTICAS

Neste capítulo iremos por meio dos próprios poemas dos goliardos apresentar e conhecer um pouco mais desses poetas e como eles próprios se definiam e o que diziam de si mesmos, assim como o que pensavam a respeito do clero do qual alguns deles também fizeram parte. Segundo Le Goff (1988, p. 33), os goliardos seguem “o mestre que lhes tivesse agradado, procurando os mais comentados, indo catar, de cidade em cidade, os ensinamentos dados ali”. Segundo Helena Macedo Ribas (2018, p. 26) o termo goliardo surge no “século XII, para caracterizar esses indivíduos que vagavam entre as escolas e universidades, de origens diversas e que por conta do anonimato muito presente, pouco se sabe no que concerne às origens ou composição social”. Os goliardos em sua maioria eram escritores anônimos e, segundo Le Goff, esse grupo sofreu com preconceitos, e cremos que devido aos ataques sofridos se dá o seu anonimato.

Quem são esses goliardos? Tudo conspira para nos esconder sua figura. O anonimato que esconde a maioria deles, as - dentre muitas calúnias e maledicências - que foram propagadas por seus inimigos, as forjadas pelos eruditos e pelos historiadores modernos, desorientados pelas falsas semelhanças e cegados pelos preconceitos. Alguns deles repetem as condenações dos concílios e dos sínodos e de certos autores eclesiásticos dos séculos XII e XIII. (LE GOFF, 1988, p. 31- 32).

Um exemplo de acusação é a de Bernardo de Claraval contra Pedro Abelardo e seus “discípulos”, de traírem a fé. Essas acusações é que deram a esse grupo de poetas, o nome de “goliardos”, como já dito antes, fazendo aí uma alusão ao gigante Goliias bíblico<sup>33</sup>. Segundo Le Goff (1988, p. 39), Pedro Abelardo, “apesar de ter sido um goliardo”, diferente dos outros goliardos, “teve um significado e uma contribuição bem maior. É a primeira grande figura do intelectual moderno, nos limites da modernidade do século XII: Abelardo foi um *professor*” (LE GOFF, 1988, p. 39). Le Goff diz que os goliardos:

são de origem urbana, camponesa, e até mesmo nobre, são antes de tudo errantes, representantes típicos de uma época em que o surto demográfico, o desenvolvimento do comércio e a construção de cidades rompem com as estruturas feudais, lançando pelos caminhos e reunindo em suas encruzilhadas, que são as cidades, os desclassificados, os audaciosos e os infelizes.(LE GOFF, 1988, p. 32).

---

<sup>33</sup>Ver página 25 do capítulo anterior.

E ainda Le Goff afirma que:

Os goliardos são evadidos. Evadidos, sem recursos, eles formam, nas escolas urbanas, grupos de estudantes pobres que vivem de expedientes, se tornam empregados domésticos de seus colegas mais ricos, vivem da mendicância, [...]. Às vezes, para ganhar a vida, eles se fazem jograis ou bufões, [...]. Esses estudantes pobres, que não se prendem a nenhum domicílio fixo, nem a qualquer prebenda ou benefício, se lançam assim à aventura intelectual. (LE GOFF, 1988, p. 32- 33).

Essa afirmação de Le Goff, sobre a indigência dos goliardos podemos ver no poema CB<sup>34</sup> 129 *Exul Egu Clericus*, (*Sou um clérigo vagante*), logo nas primeiras linhas o poeta afirma que é um clérigo andante, essa denominação encontramos em todas as obras lidas, quando os autores se referem aos goliardos.

I

Sou um clérigo exilado nascido para a labuta, sofrendo de vários modos, a pobreza é meu quinhão (CB. 129, p. 141).<sup>35</sup>

Logo a seguir se queixa que não pode estudar devido a sua indigência. Porém, o fato de vagarem de universidade em universidade fazia com que perdessem os benefícios<sup>36</sup> que recebiam para se dedicar aos estudos, dificultando a conclusão dos estudos.

II

Bem queria me cansar com o estudo das letras, mas a indigência me força a desistir dele.

III

Este manto meu já é tão roto; muitas vezes sofro de frio, longe de qualquer calor. (CB 129, p. 141).<sup>37</sup>

Segundo Giulio Bertoni (2013, p. 12) não é que esses poetas eram vagantes por natureza, mas se faziam vagantes, em busca de liberdade, e se fazendo vagantes perdiam as prebendas que lhes era destinada a sua manutenção nas escolas e universidades a fim de suprir as necessidades básicas para se dedicarem aos estudos. Portanto

Quando esses clérigos se faziam vagantes, lhes restava depender do chefe de sua diocese. Geralmente se submetiam ao bispo. Se eram canônicos,

<sup>34</sup>Onde estiver escrito CB e o número em frente, estamos nos referindo à abreviação de *Carmina Burana* junto com o número do poema.

<sup>35</sup>CB 129 *Exul Egu Clericus*. (essa e todas as traduções dos poemas são de autoria de Maurice van Woensel na obra *Carmina Burana: Canções de Beuern*).

I – Exul ego clericus ad laborem natus      tribulor multotiens paupertati datus.(CB 129, p. 57).

<sup>36</sup>ver citação página 26 do capítulo anterior.

<sup>37</sup>II- Litterarum studiis vellem insudare,      nisi quod inópia cogit me cessare./III- Ille meus tenuis nimis est amictus; 5 sepe frigus patior calore relictus (CB 129, p. 58).

obedeciam à autoridade capitular, se era monge a do abade. Dados a uma vida perdida, de universidade em universidade, viviam de seu benefício eclesiástico e, quando isso não era suficiente recorriam a familiares ou amigos, ou pediam esmolas, ou se tornavam tutores de jovens nobres ou mesmo secretários ou quase servos dos colegas mais ricos. (BERTONI, 2013, p. 12).<sup>38</sup>

Diante dessa realidade onde precisavam de recursos para sua sobrevivência, buscavam de todas as formas possíveis se integrar no meio clerical. Para Ribas (2018, p. 27) alguns goliardos como o Arquipoeta, Hugo de Orleans, entre outros, tiveram “respaldo provido por algum mecenas ou instituição, como a Igreja ou as próprias universidades, que lhes ofereceram a possibilidade de terem vidas confortáveis”. Segundo Le Goff (1988, p. 33) o objetivo principal do goliardo não era mudar a ordem social, mas se beneficiar dela. Assim buscavam pessoas importantes para que os ajudassem, como relata o poeta nessas linhas;

V

Estimado Senhor Fulano, já que é tão ilustre, solicito-lhe uma ajuda condigna de sua fama.<sup>39</sup> (CB. 129, p. 141).

Ainda um outro poema onde o goliardo se descreve novamente como pobre e poeta, mas que sua maior riqueza é aquilo que carrega consigo, seus poucos pertences e sua poesia, mesmo sofrendo com o deboche de outros intelectuais. Provavelmente esses intelectuais eram aqueles que viviam nos mosteiros escrevendo poesias religiosas, ou até mesmo estudantes mais ricos para quem os goliardos pobres prestavam serviços.

II

Sou um poeta mais pobre que todos os poetas, não possuo mais nada do que tenho aqui comigo, tantas vezes eu choro, e vós vos divertis. Deixai de julgar que sou pobre por conta de meus vícios. (CB. 220, p. 156).<sup>40</sup>

Casquero ao citar o pensamento de Villoslada, discorda da visão que o goliardo era somente um poeta vagabundo e jogral. Para Casquero, esse é um conceito limitado, sendo que os goliardos também fizeram parte da nobreza. Segundo Villoslada (1975, p. 7- 8):

Houveram muitos poetas goliárdicos que nada tinham de vagabundos e vagantes, nem de dissolutos em seus costumes. Cantavam, sim, igual aos

<sup>38</sup>Quando questi scolari o chierici, che dir si voglia, si facevano vaganti, restavano sempre alla dipendenza del capo della loro diocesi. Generalmente erano sottomessi al vescovo; ma se erano canonici, riconoscevano l'autorità del loro capitolo, e se erano monaci, quella dell'abate. Datisi a una vita randagia, da Università a Università, vivevano della loro prebenda, e quando questa non bastava, ricorrevano alla famiglia o agli amici o chiedevano la carità o si facevano precettori di giovani nobili o anche segretari o quasi servi dei condiscipoli, più agiati. (BERTONI, 2013, p. 12).

<sup>39</sup>V- Decus N... dum sitis insigne, 10 postulo suffragia de vobis iam digne. (CB 129, p. 57).

<sup>40</sup>II-5 Poeta pauperior omnibus poetis nichil prorsus habeo nisi quod videtis, unde sepe lugeo, quando vos ridetis; nec me meo vitio pauperem putetis. (CB 220, p. 109).

primeiros -protótipos- goliardos, porém longe de levar uma vida aventureira, jogralesca e histriônica, ocupavam elevados postos na hierarquia eclesiástica, e nas cortes dos reis, no monacato, ou desempenhavam cargos de altíssima importância nas mais célebres escolas e universidades. (*apud* CASQUERO, 1997, p. 67).

Essa ideia, de que todos os goliardos foram pobres ocorre devido aos poemas onde eles se dizem pobres e indigentes. Nem todos são estudantes e pobres, pois haviam nobres e docentes no meio dos jovens estudantes, “os goliardos são certos clérigos errantes, em sua maioria jovens estudantes (embora também haja docentes)” (MOHENO, 2019, p. 5)<sup>41</sup>. Essa contradição acontece justamente por causa da diversidade de pessoas que aderiram ao grupo dos goliardos, onde podemos encontrar desde estudantes pobres, professores, como Pedro Abelardo, nobres, como Filipe o Chanceler e membros do clero.

Entre as universidades medievais existia o maior intercâmbio possível de professores e estudantes. Os universitários viviam em viagens contínuas entre Bologna, Paris e Oxford; juntaram-se a eles outros clérigos, fugitivos da disciplina rigorosa dos conventos; muitos se perderam na vida devassa e até criminosa das estradas reais, outros na anarquia moral das grandes cidades como Paris. Havia mais clérigos do que prebendas, e constituiu-se afinal um “proletariado latino”: os “clerici vagi” ou “goliardos”. (CARPEAUX, 2008, p. 194).

E essa variedade de pessoas de níveis sociais e intelectuais diferentes, está descrita num poema onde falam de uma espécie de regra goliárdica. Quem o escreveu, fez além da descrição do pensamento e comportamento goliardesco, uma sátira, onde “escarneciam até as coisas mais dignas de respeito” (YORS, 1868, p. 106). Observamos que tanto no título como no início do poema, *CB 219 CUM “IN ORBEM UNIVERSUM” (Ide por todo o Universo)*<sup>42</sup>, que “logo no início a Bíblia é citada: ‘Ide por todo o universo’ (Mc 6,15)” (WOENSEL, 1994, p. 170). O poeta relata que a regra dos goliardos não faz distinção e nem exclui ninguém, mas aceita a tudo e a todos, inclusive o monge de cabeça raspada (que perdeu a tonsura). E ainda faz outra alusão ao “evangelho (possuir uma só roupa, jejuar sem a cara tristonha, a aflição que vira alegria).

<sup>41</sup>los “goliardos” son ciertos clérigos errantes, en su mayoría jóvenes estudiantes (aunque también los hay docentes), (MOHENO, 2019, p. 5).

<sup>42</sup> I Cum “In orbem universum” decantur “ite”, sacerdotes ambulante, currunt cenobite et ab evangelio iam surgunt levite, sectam mostram subeunt, que salus est vite./II 5 In secta nostra scriptum est: “omnia probate!”[...]/ III Marchiones, Bawari, Saxones, Australes,[...] / IV Et nos misericordie nunc sumus auctores, quia nos recipimus magnos et minores; 15 recipimus et divites et pauperiores; quo devoti monachi dimittunt extra fores. / V Nos recipimus monachum cum rasa corona et si venerit presbyter cum sua matrona, magistrum cum pueris, virum cum persona, scolarem libentius tectum veste bona./ VIII 25 Ordo procul dubio noster secta vocatur, quam diversi generis, populus sectatur:[...] / X Ordo noster prohibet matutinas plane, sunt quedam phantasmata, que vagantur mane,[...] / XI Ordo noster prohibet semper matutinas, sed statim, cum surgimos, querimus popinas:[...] / XII Ordo noster prohibet uti dupla veste:[...] / XIV Nemo prorsus exeat hospitium ieiunus et, si pauper fuerit, semper petat munus. (CB 219, p. 103).

Satirizam-se as obrigações do monge, de jejuar e cantar as matinas à meia-noite.” (WOENSEL, 1994, p. 170).

I

Enquanto se canta “Ide por todo o universo”, sacerdotes andam, correm os monges, os levitas deixam lá o evangelho e se apressam, vêm ingressar em nossa ordem que significa a salvação da vida.

II

Está escrito na (regra de) nossa seita: “Provai de tudo!” [...].

III

Gente da Marca, da Baviera, saxões e austríacos,

IV

Nós somos os promotores da verdadeira misericórdia, porque nós recebemos grandes e pequenos; recebemos os ricos e os pobres, estes que os devotos monges botam para fora.

V

Nós recebemos o monge de tonsura raspada e qualquer sacerdote que chegar com sua matrona, o mestre com seus alunos, o homem acompanhado; mas preferimos um estudante vestido de roupas boas.

VIII

Sem dúvida, nossa seita pode ser chamada uma ordem, já que a ela aderem[sic] pessoas de várias categorias;

X

Nossa ordem proíbe terminantemente(cantar) as matinas.

Há certos fantasmas que pairam cedo assim [...].

XI

Nossa ordem sempre proíbe (cantar) matinas, e desde que nos levantamos, procuramos a taberna[...].

XII

Nossa lei proíbe dispor de duas vestes;

XIV

Ninguém sairá de nossa casa em jejum e, ao tratar-se de um pobre, ele pode sempre pedir uma ajuda. (CB 219, p. 153- 155).

Os goliardos em alguns versos do poema acima, sempre voltam a se denominarem como uma seita e até uma “ordem dos vagantes” e esta “ordem” incomodou a muitos, principalmente algumas autoridades, em especial a eclesiástica. Segundo Woensel (1994, p. 170) o que o poeta apresenta no poema é a “confraria dos clérigos vagantes, como se fosse uma ordem monástica da Igreja e explica qual a santa regra que governa esta ordem”. E o conteúdo provocativo dos poemas atacam toda a sociedade duramente, mas tinha o clero como seu alvo principal. Le Goff (1988, p. 32) diz que não tem “nenhuma dúvida de que eles tenham constituído um grupo no qual se fazia com prazer a crítica da sociedade estabelecida”. Ao criticar severamente as autoridades da Igreja, aos reis e príncipes de suas respectivas épocas, denunciavam as atitudes de juízes e até do papa, os acusando de corrupção e hipocrisia.

### 3.1 AS CRÍTICAS NO *CARMINA BURANA* E PERSEGUIÇÕES AOS GOLIARDOS

Segundo Vauchez (1995, p. 35) “nos séculos X e XI, todos os monges do Ocidente seguiam a regra de São Bento”. Portanto o autor afirma que, alguns clérigos acabavam utilizando a regra de São Bento como meio de normatização também das escolas e universidades. Deste modo, Terezinha Oliveira nos diz que, após a criação do mosteiro de São Bento, as regras criadas para os monges também influenciaram a sociedade e estabeleceu:

regras de comportamento para seus internos, mas que se tornaram elementos gerais de conformação da sociedade. Nas suas 73 regras, a Regra de São Bento legisla sobre todos os aspectos do viver humano, desde a alimentação, vestuário, oração, trabalho, propriedade, vícios, entre outros aspectos. (OLIVEIRA, 2006, p. 377- 378).

Eric Voegelin também nos diz que essa sociedade se utilizou de regras que eram para todos, e com isso se misturaram as obrigações morais e políticas. Ele diz a este respeito que:

a monarquia franca evoluiu num sentido teocrático, mesmo antes da coroação de Carlos Magno, na medida que a organização da Igreja se integrou à hierarquia administrativa da monarquia, e o rei presidia a assembleia eclesiástica, interferindo em matérias de disciplina, [...]. Todas as pessoas do reino, incluindo os clérigos, até os doze anos de idade, tiveram que fazer juramento de lealdade ao novo imperador[...]. O juramento implicava mais do que obediência temporal às ordens imperiais [...]. Os juramentados obrigavam-se a viver “ao serviço santo de Deus”. Requeria ainda a observância de uma série de deveres sociais (a conduta para com as viúvas, órfãos, estrangeiros, regras de hospitalidade, conduta dos eclesiásticos, etc.) (VOEGELIN, 2012, p. 71).

O objetivo principal era levar a sociedade a alcançar a salvação pregada na Igreja, por meio das atitudes terrenas, pois, “se queremos habitar na tenda real do acampamento desse reino, é preciso correr pelo caminho das boas obras, de outra forma nunca se há de chegar lá. (REGRA DE SÃO BENTO, c. 530, 24., p. 2)”. Havia de certa forma uma idealização, por parte do clero e mestres, do estudante ideal, que era dito até em sermões:

Assim, o estudante ideal que figura nos sermões, apesar de um pouco inexpressivo, é obediente, respeitoso, ávido por aprender, aplicado nas aulas e corajoso no debate, ele pondera as suas lições até mesmo durante o seu passeio noturno ao lado do rio. O estudante ideal revelado pelos manuais é aquele que pratica os preceitos neles contidos. (HASKINS, 2015, p. 85).

Porém, como o próprio Haskins diz, o estudante ideal “não existe!” (HASKINS, 2015, p. 85). E os goliardos foram a figura oposta do estudante ideal, provocando a ira dos preladados e também em uma parte da sociedade. No poema que segue, notamos um lamento por parte do poeta, quanto ao comportamento dos estudantes, logo nas primeiras linhas. Não se sabe se o poeta era professor ou aluno.

Antigamente os estudos floresciaam, mas agora são motivo de tédio;  
a ciência, um dia, importava, mas agora o brincar prevalece. (CB 6, p. 131).<sup>43</sup>

Segundo Woensel (1994, p. 165), o poema trata de uma sátira, que traz a “lamentação de um velho saudosista”, que além de reclamar por não ter mais estudantes como antigamente, ainda faz várias alusões à Bíblia, citando personagens como Marta, Maria e Jacó. Nos versos seguintes vemos críticas contra os colegas estudantes, onde o poeta os chama de “jovens de astutos”, o que nos passa a imagem de que o poeta já é mais velho, como citou Woensel.

A astúcia dos jovens lhes vem antes do tempo – eles que, em sua malevolência descartam a sabedoria; porém, em séculos passados os estudantes só paravam de estudar aos noventa anos. Agora, meninos de dez anos, rejeitando a disciplina, se fazem de mestres. (CB 6, p. 131- 132).<sup>44</sup>

Não eram então somente um saudosista que buscava comentar os costumes dos estudantes daquele período, mas também pregadores, já que os hábitos dos estudantes, muito especialmente dos goliardos, iam contra aquilo que se pregava,

Além disso, temos os pregadores daquela época, muitos dos quais também eram professores, cujos sermões com frequência fazem alusão aos costumes dos estudantes. Com efeito, se fosse preciso evocar evidências adicionais para dissipar a ilusão de que a universidade medieval se dedicava principalmente aos estudos bíblicos e à vida religiosa, os pregadores de Paris desse período forneceriam prova suficiente. “O coração dos estudantes está no lodo”, diz um deles, “atrelado às prebendas, às coisas temporais e à satisfação dos desejos”. (HASKINS, 2015, p. 61).

Como o poema acima, muitas outras sátiras podem ser encontradas no manuscrito *Carmina Burana*, como também poemas que exaltam uma vida boêmia, com referências a deuses pagãos como Baco, por exemplo. Aqui o poeta diz que Febo o inspira a escrever um

---

<sup>43</sup>Florebat olim studium, nunc vertitur in tedium; iam scire diu viguit, sed ludere prevaluit. (CB 6, p. 27).

<sup>44</sup>Iam pueris astutia contingit ante tempora, qui per malivolentiam excludunt sapientiam. Sed retro actis seculis/ 10 vix licuit discipulis tandem nonagenarium quiescere post studium. At nunc decennes pueri decusso iugo liberi (CB 6, p. 27).

poema, mas somente após beber vinho, se referindo ao deus Baco, pois somente depois de comer e beber é que consegue fazer rimas e versos de qualidade.

XVI

eu, para mim, jejuando, nunca fui capaz de escrever; [...].

XVII

eu faço poemas enquanto bebo vinho bom [...].

vinho desta qualidade é que gera uma abundância de frases.

XIX

quando Baco domina meu cérebro, Febo (Apolo) se apodera de mim e fala maravilhas. (CB 191, p. 151).<sup>45</sup>

Este poema é conhecido pelos historiadores como a *confissão do goliardo*, escrito pelo Arquipoeta de Colônia, que segundo Montemayor (1987, p. 14) o CB 191 “é um poema de suma importância para entender esses poetas medievais”. Esta importância do poema é devido ao profundo “conhecimento do homem, uma forte atitude crítica e a inteligência na linguagem” (MONTEMAYOR, 1987, p. 14). O poema se trata de “uma (pseudo) confissão de um clérigo arrependido de sua vida de boêmio” (WOENSEL, 1994, p. 170). O poeta também faz uma crítica aos monges de clausura e os que vivem afastados da vida secular, e que também escrevem seus poemas. Segundo Woensel (1994, p. 170) misturando a teologia com a mitologia, o poeta faz alusões à Bíblia, como também fala de personagens mitológicos como Baco, Febo, Hipólito, “também Ovídio/Nasão (Publius Ovidius Naso) é citado: de fato, o autor de *Ars Amatoria* era o precursor dos goliardos”(WOENSEL, 1994, p. 170).

Os versos a seguir mostram a crítica feita pelo poeta contra os monges que gostavam do silêncio e da contemplação, que jejuavam, e faziam abstinência, diferente do comportamento de um clérigo vagante.

XIV

Alguns poetas evitam lugares públicos e procuram esconderijos secretos; eles estudam, se esforçam, passam noites em branco, pelem para valer, e com tudo isso produzem poucas obras de arte.

XV

Esses grupos de poetas vivem em jejum e abstinência, vivem longe dos debates públicos e das brigas no tribunal; a fim de produzir uma obra imortal eles se matam estudando, escravos do trabalho (CB 191, p. 151).<sup>46</sup>

<sup>45</sup>XVI ego numquam potui scribere ieiunus, [...]/XVII ego versus faciens bibo vinum bonum, [...] vinum tale generat copiam sermonum./ XIX dum in arce cerebri (150) Bacchus dominatur, in me Phebus irruit et miranda fatur.(CB 191, p. 95- 97).

<sup>46</sup>XIV (105) Loca vitant publica quidam poetarum et secretas eligunt sedes latebrarum, student, instant, vigilant (110) nec laborant parum, et vix tandem reddere possunt opus clarum./ XV Ieiunant et abstinent poetarum chori, (115) vitant rixas publicas et tumultus fori, et ut opus faciant, quod non possit mori, moriuntur studio (120) subditi labori. (CB 191, p. 95).

Como já dissemos anteriormente a regra era a mesma, tanto para o clero como os estudantes. Essa regra exigia de todos os clérigos, fossem eles seguir ou não a carreira clerical, as mesmas coisas, como jejum, abstinência, sacrifício, penitência, para que o clérigo pudesse alcançar a salvação. Mas os goliardos desobedeciam a essas regras, e o que os goliardos queriam era viver livremente a vida e gozar dos prazeres que a vida pudesse lhes dar.

II

a mim, podem me comparar à correnteza do rio que, debaixo do céu, nunca para.

V

Eu ando pelo caminho largo; já que sou jovem, convivo com o vício, não ligo para a virtude, procuro antes a volúpia do que a salvação; morto já, quanto à alma, só cuido de minha pele. (CB 191, p. 149- 150).<sup>47</sup>

No verso a seguir o poeta fala da questão da castidade, que segundo a regra, os monges deveriam preservar, como também almejar a pureza de corpo e alma. Primeiro, ele pede ao prelado que o perdoe e o deixe namorar, depois o poeta reclama que a lei é muito dura e difícil para ele seguir.

VI

Distintíssimo prelado, peço sua licença: minha morte será boa, morrerei na felicidade se o charme das moças saciar meu coração e se pelo menos puder cobiçar no coração aquelas que não puder afagar.

VII

É coisa difícilima vencer a natureza, guardar sua pureza quando se olha uma virgem; jovens, não podemos observar a lei tão dura de renunciar ao remédio para nossos corpos levianos. (CB 191, p. 150).<sup>48</sup>

Apesar de terem a obrigação de seguir as regras, que eram parta todos que estavam debaixo da autoridade dos prelados e abades, nas escolas e mosteiros, os goliardos não a seguiam. Mas o que os goliardos apontam é que também alguns de seus superiores, não seguiam as regras como deveriam, e não concordando com essa contradição, os goliardos denunciavam as atitudes desses clérigos. Também os juízes eram alvo de suas denúncias, devido à corrupção moral e política praticada por alguns deles.

<sup>47</sup>II stultus ego comparor fluvio labenti, 15 sub eodem tramite nunquam permanente. [...] / V Via lata gradior more iuventutis, 35 implicor et vitiis immemor virtutis, voluptatis avidus magis quam salutis, mortuus in anima (40) curam gero cutis. (CB 191, p. 89).

<sup>48</sup>VI Presul discretissime, veniam te precor, morte bona morior, dulci nece necor, (45) meum pectus sauciat puellarum decor, et quas tactu nequeo, saltem corde mechor. / VII Res est arduissima (50) vincere naturam, in aspectu virginis mentem esse puram; iuvenes non possumus legem sequi duram (55) leviumque corporum non habere curam. (CB 191, p. 91).

No poema a seguir, os goliardos denunciam a corrupção. Essa corrupção praticada pelos clérigos corruptos, ao invés, de levar à salvação pregada pela Igreja, acarretava na danação eterna devido às suas atitudes injustas. Mas não é só o sacerdote, mas também o juiz é criticado nesse poema. Segundo Woensel (1994, p.165) o poema consiste em uma “sátira à avareza dos prelados (bispos e abades) e, em particular, à corrupção dos juízes dos tribunais eclesiásticos.”

I

A mão trazendo presentes faz do homem piedoso um ímpio; o dinheiro resulta em alianças, o dinheiro torna-se conselheiro; o dinheiro apara as arestas, o dinheiro põe fim à guerra. [...] Vocês que julgam, dão audiência ao dinheiro.

II

Onde o dinheiro fala, o direito é confundido; [...].

III

Onde o dinheiro faz a pregação, [...].

Mas as moedas pesam para julgar mal o pobre. Destarte, quem não pagar por fora, perde o processo e se vê destituído de seu direito, aquele que não subornar. (CB 1, p. 131).<sup>49</sup>

Em outro poema, o goliardo também coloca a sua insatisfação relacionada à atitude dos prelados. E para essa sátira utiliza de referências bíblicas para a crítica, como por exemplo João Batista, que era considerado a voz que clama no deserto, e até mesmo as palavras de Jesus, que diz que quem quer segui-lo deve carregar sua cruz<sup>50</sup>. Faz uma crítica feroz, contra os prelados:

Ressoa abertamente, a voz de quem clama no deserto: o deserto somos nós, e nós, abandonados, estamos certos do castigo (divino). Quase ninguém procura a Vida, e sendo assim, todo ser vivo perece. [...], ninguém quer carregar a cruz, ninguém quer seguir a Cristo que é o guia. Quem é honesto, quem é bom, ou quem quer carregar o fardo de Deus? [...] A morte já se apoderou dos prelados: não querem mais dar de graça os dons espirituais. Fizeram votos na hora de ingressar (nas ordens), com santo zelo em excesso, mas depois de se instalarem firmemente, contradizem as sagradas juras. As rosas viram valerianas, a casa de Deus vira covil. [...] Simão senta-se entre eles, transforma os potentados em réus. (CB 10, p. 132- 133).<sup>51</sup>

<sup>49</sup>I Manus ferens munera pium facit impium; nummus iungit federa, nummus dat consilium; nummus lenit áspera, nummus sedat prelium. [...] nummo locum datis vos, qui iudicatis [...] / II Nummus ubi loquitur, fit iuris confusio; [...] / III Nummus ubi predicat, [...], pauperem diiudicat veniens pecunia. Sic diiudicatur, a quo nichil datur; iure sic privatur, si nil offeratur. (CB 1, p. 25- 27).

<sup>50</sup>Sobre João Batista encontramos na bíblia em: Isaías 40: 3 ; e sobre carregar a cruz em: Mateus 16:24.

<sup>51</sup> Ecce sonat in aperto vox clamantis in deserto: nos desertum, nos deserti, nos de pena sumus certi. 5 Nullus fere vitam querit, et sic omnis vivens perit. [...], nullus vult portare crucem, 10 nullus Christum sequi ducem. Quis est verax, quis est bonus, vel quis Dei portat onus? [...] 15 Iam mors regnat in prelati: nolunt sanctum dare gratis, quod promittunt sub ingressu, sancte mentis in excessu; postquam sedent iam securi, 20 contradicunt sancto iuri. Rose fiunt salianca, domus Dei fit spelunca. Sunt latrones, non latores, legis Dei destructores. 25 Simon sedens inter eos dat magnates esse reos. (CB 10, p. 29- 31).

Woensel (1994, p. 165) explica o poema “Soa Alto, em Campo Aberto (CB 10)” dizendo que o título do poema se refere à uma passagem dos Atos dos Apóstolos capítulo 8, referindo-se ao mago Simão. Woensel (1994, p. 165) fala também que na “mitologia greco-romana, os ventos eram tidos por deuses”, e em um dos versos, um desses deuses citados é o Austro. Apesar do Simão citado poder ser o que está nos Atos dos Apóstolos, também aparenta ser uma crítica voltada à autoridade máxima da Igreja, que é quem tem o poder de dar ordens de execução de decretos e leis, por meio de sínodos e bulas. Assim, a crítica é feita não só contra alguns monges e bispos, mas também ao papa, e parece o acusar de compra e venda de cargos.

Simão prefere os maus aos bons, Simão procura tão somente propinas, Simão reina no Austro, Simão invade o claustro. Quando não se lhe dá nada, ele assobia, mas quando se lhe dá, Simão ri. Simão recebe, Simão dá; esse, ele o demite, este, ele coroa; (CB 10, p. 133).<sup>52</sup>

Segundo a interpretação de Woensel (1994, p.165) a sátira de todo o poema é contra a avareza do alto clero e a simonia. No poema podemos ver claramente pelo tom da crítica, que as punições que se fizeram contra os goliardos, foram também fruto de corrupção. Neste outro poema vemos a denúncia da corrupção quando o assunto é julgar causas:

I  
O dinheiro, no tribunal dos prelados, vale tanto quanto o direito. [...]  
II  
o pobre perde sua vez mesmo com o direito do seu lado; ao rico, com dinheiro no bolso, se faz favor. Esse, o juiz o exalta, faz o que ele solicita; (CB 1, p. 131).<sup>53</sup>

Nesses versos podemos ver que os goliardos, apesar de seu modo de vida, eram pessoas que queriam que a justiça fosse para todos igualmente e sem ser corrompida. Porém não era isso que acontecia, e por isso eles criticavam a todos que se submetessem à compra de favores e cargos. Essas críticas talvez fossem o meio que os goliardos encontraram para chamar a atenção dos corruptos, a fim de os fazer voltar a um caminho mais honesto.

III  
Mesmo se um rei-tirano me pagar bem, e a extrema pobreza me forçar, não serei uma pessoa que atende mais ao agradável do que ao que é decente. [...]  
IV

---

<sup>52</sup>Simon preferet malos bonis, Simon totus est in donis, Simon regnat apud Austrum, 30 Simon frangit omne claustrum. Cum non datur, Simon ridet; Simon aufert, Simon donat, hunc expellit, hunc coronat, (CB 10, p. 30).

<sup>53</sup>I Nummus in prelati est pro iure satis; ./ II pauper retro pellitur, quem defendit ratio, 15 sed dives attrahitur pretiosus pretio. Hunc iudex adorat, facit, quod implorat; (CB 1, p. 24).

Prefiro viver puro e pobre a viver viciado, levando uma vida de rico. (CB 95, p. 51).<sup>54</sup>

Diante dessas críticas que os preladados e juizes receberam por meio de poemas e canções, a reação dessas autoridades foi de insatisfação, desencadeando uma série de perseguições contra os poetas vagantes. Os goliardos foram acusados de várias coisas, entre elas de serem traidores da fé. Pedro Abelardo foi um dos primeiros a ser acusado de trair a fé, por Bernardo de Claraval. E assim, ao longo dos anos, os goliardos foram sofrendo sanções, que eram impostas por meio de concílios, onde foram proibidos de participarem das atividades religiosas, como cantar nas missas.

Um grande perseguidor dos goliardos foi Bernardo de Claraval, devida a uma rivalidade existente entre eles, que segundo relatado por Giulio Bertoni, dizia que:

A perambulação (ou vagabundagem) favorecia naturalmente a corrupção dos clérigos, que, longe de suas respectivas dioceses, eram mais livres em seus atos, pois não estavam mais sujeitos ao controle imediato do bispo e dos seus superiores. (BERTONI, 2013, p. 13).<sup>55</sup>

Diante desse tipo de pensamento, as autoridades incomodadas, como já citamos anteriormente, providenciaram meios de calar esses poetas.

Os goliardos desapareceram faz setecentos anos, após sofrer uma série de processos e condenações que aumentaram no final do século XIII. Durante este século, o anátema eclesiástico caiu repetidamente sobre os goliardos. (MARTÍNEZ, 1996, p. 459).<sup>56</sup>

Segundo Blasi (2004, p. 89) no início os goliardos foram ignorados, e as críticas eram consideradas coisa de estudantes. Porém, com o passar do tempo, começaram a preocupar as autoridades:

Mas a expansão do movimento, as sátiras, e a vida desordenada e andarilha de muitos de seus membros, clérigos menores em sua maioria, provocou a

<sup>54</sup>III Licet multa tyrannus spondeat et me gravis paupertas urgeat, non sum tamen, cui plus placeat [...]/ IV Malo mundus et pauper vivere quam pollutus dives existere. (CB 95, p. 50).

<sup>55</sup>Il vagabondaggio favoriva naturalmente la corruzione dei chierici, i quali, lontani dalle rispettive diocesi, erano più liberi nei loro atti, non essendo più sottoposti al controllo immediato del vescovo e dei superiori. (BERTONI, 2013, p. 13).

<sup>56</sup>Los goliardos desaparecieron hace ahora setecientos años, tras sufrir una serie de persecuciones y condenas que se incrementaron eclesiástico cayó una a finales del siglo XIII. Durante este siglo, el anatema y otra vez sobre los goliardos. (MARTÍNEZ, 1996, p. 459).

rejeição da sociedade e a intervenção das hierarquias eclesiásticas. (BLASI, 2004, p. 89).<sup>57</sup>

Neste poema além de criticar as autoridades, vemos sua indignação referente às bulas que foram impostas contra os goliardos, além de citar personagens bíblicos, que para os cristãos são bem significativos. Essas bulas eram elaboradas em concílios sejam eles gerais ou locais, mas era o papa quem dava a palavra final para a execução das mesmas. Além disso esse poema traz uma passagem bíblica, onde Cristo diz “Dai, pois, a César o que é de César e a Deus o que é de Deus” (Mateus 22: 21)", assim os goliardos dizem que devem deixar o apego ao dinheiro e servir somente a Deus.

I

Diga, verdade de Cristo, diga, cara raridade, diga, rara Caridade, onde você mora agora? [...] Ou na mansão de Rômulo fulminando com bulas? III  
Natã diz: “Não clamarei! Nem me lamentarei de Davi”. Já que aqui a veste de Cristo está rasgada, um Cristo testemunha contra outro Cristo. Ai, ai de vós, hipócritas, que coais o mosquito! O que é de César, dai-o para poder servir a Cristo. (CB 131, p. 142).<sup>58</sup>

Segundo Woensel (1994, p. 168), esse poema é uma sátira contra a corrupção eclesiástica, cheia de alusões à Bíblia, como por exemplo a parábola do bom samaritano<sup>59</sup>.

Foram vários concílios a fim de impedir que falassem, escrevessem e manifestassem publicamente seus pensamentos e sua indignação contra as autoridades eclesiásticas. Bertoni (2013, p. 13) relata que ainda no período em que viveu Bernardo de Claraval, já se iniciavam as proibições contra os goliardos. Segundo Bertoni (2013, p. 13), já em 1123, o papa Inocêncio II proibiu para todos os eclesiásticos de não se envolver com concubinas. E, em 1228, segundo palavras de Bertoni (2013, p. 13), uma outra proibição ao clero, a de não poder se aproximar de mulheres, nem mesmo parentes. E mais uma série de proibições, de acordo com Giulio Bertoni (2013, p. 14), foram elaboradas pelos concílios, como se apresentar em público, usar botões de ouro nas roupas, eles também deveriam se abster de bebidas e as concubinas ficaram proibidas de receber o pão santo, proibiu-se jogos de azar e danças, entre muitas outras que foram impostas. E ainda, segundo Bertoni (2013, p. 15), acontecia que ao invés dos clérigos levarem uma vida exemplar, se uniam às orgias de outros estudantes. Em “1143, no Concílio Remense,

<sup>57</sup>Pero la expansión del movimiento, las sátiras y la vida desordenada y andariega de muchos de sus miembros, clérigos menores en su mayoría, provocó el rechazo de la sociedad y la intervención de las jerarquías eclesiásticas. (BLASI, 2004, p. 89).

<sup>58</sup>I Dic, Christi veritas, dic, cara raritas, dic, rara Caritas [...] Vel in domo Romulea cum Bulla fulminante? [...]/ II Dicit Nathan: “Non clamabo”, 30 “neque” David “planctum dabo”, cum sit Christi rupta vestis, contra Christum Christus testis. Ve, Ve, vobis, hypocrite, qui culicem colatis! que Cesaris sunt, reddite, ut Christo servitas! (CB 131, p 60- 63).

<sup>59</sup>Lucas 10: 25-37.

foi declarado que os clérigos, os quais no espaço de 40 dias não se rendessem às advertências e exortações dos bispos, fossem privados de seus benefícios” (BERTONI, 2013, p 14)<sup>60</sup>. Ainda conforme Bertoni “era preciso também combinar o desprezo com o escárnio e considerá-los fora não só da Igreja, mas fora da sociedade. Eles deveriam ser proibidos de officiar e orar diante dos altares e de implorar”. (BERTONI, 2013, p. 17).<sup>61</sup>

Também se proibiu que os goliardos continuassem usando a tonsura e que participassem das celebrações litúrgicas, pois muitos atuavam nas paróquias como auxiliares nas missas. A tonsura era como um sinal de identificação de pertencimento ao clero. Assim “em 1231, o conselho provincial de Rouen, prescreveu que fosse totalmente raspado a cabeça para perder a tonsura”. (BLASI, 2004, p. 89).<sup>62</sup>

Como podemos observar no verso a seguir os goliardos deixaram seu lamento das condenações registrados nos poemas. Assim como no anterior onde reclamam das Bulas, neste o poeta fala da proibição relacionada à participação dos cantos nas missas. Conforme Blasi “em 1227, o concílio provincial de Tréveris ordena em suas atas que se proibisse aos clérigos goliardos de participar do officio divino” (BLASI, 2004, p. 89).<sup>63</sup>

#### IV

Não posso assistir, até o canto final, ao santo officio, nem à missa, nem às vésperas. (CB 129, p. 141).<sup>64</sup>

Segundo Casquero “os *clerici scholares* ou *clerici parochiarum*, que ajudavam os padres em seu trabalho apostólico, eram: acólitos, liam a epístola, cantavam as canções, ensinavam aos paroquianos os rudimentos da instrução religiosa” (CASQUERO, 1997, p. 74). As proibições os impediram de exercer essas funções e até mesmo de participar das celebrações.

Foram feitas sucessões de condenações até o ano de 1298, culminando com o desaparecimento dos goliardos.

Diferentes acusações aparecerem ao longo do século XIII que culminam em 1298 com um decreto do papa Bonifácio VIII, onde ele expressa a necessidade de castigar os clérigos que não desempenham suas funções com dignidade, se

<sup>60</sup>1143, nel Concilio Remense, si affermava che i chierici, i quali nello spazio di 40 giorni non si fossero arresi agli ammonimenti e alle esortazioni dei vescovi, fossero privati del loro beneficio. (BERTONI, 2013, p. 14).

<sup>61</sup>Bisognava anche unire alla irrisione il disprezzo e considerarli al di fuori non soltanto della Chiesa, ma della società. Bisognava proibir loro di officiare e pregare dinanzi agli altari e di far la questua (BERTONI, 2013, p. 17).

<sup>62</sup>En 1231, el concilio provincial de Rouen, prescribe que sean completamente rapados a fin de perder la tonsura (BLASI, 2004, p. 89).

<sup>63</sup>En 1227, el concilio provincial de Tréveris ordena en sus actas que se prohiba a los clérigos goliardos participar en el officio divino (BLASI, 2004, p. 89).

<sup>64</sup>IV- Interesse laudibus non possum divinis, nec misse nec vespere, dum cantetur finis.(CB 129, p. 57).

fazendo de menestréis e goliardos. Em meados do século XIII o goliardismo havia desaparecido. (BLASI, 2004, p. 90).

Segundo nos aponta Casquero as acusações contra os goliardos iam desde ao seu comportamento moral até o que escreviam e que era de certa forma considerados uma ameaça ao clero onde o bispo faz alusão “às práticas poéticas de tais clérigos, que compõem poemas enganosos e prejudiciais” (CASQUERO, 1997, p. 71-72). Assim os goliardos desapareceram, deixando registrada a sua insatisfação referente aos atos corruptos de alguns prelados de seu tempo, pois a poesia era a forma de protesto que poderiam utilizar.

Há algumas obras de autores atuais sobre os goliardos, que colocam a imagem deles como subversivos ou até mesmo revolucionários, mas segundo Ribas (2018, p.11) o que se nota em estudos recentes não é um comportamento goliárdico de subversão. Como diz Haskins (2015, p. 83) “os goliardos não eram humanistas antes da renascença, tampouco eram reformadores antes da reforma; eles eram simplesmente homens da Idade Média que escreveram para seu próprio tempo”. Escreveram tudo o que viveram, mas também críticas denunciando o “comportamento dos eclesiásticos em uma tendência mais geral de questionamentos dos desvios do clero, em virtude da degeneração da moral destes antes e durante a Querela das Investiduras e mesmo durante a reforma papal”. (RIBAS, 2018, p. 11).

Podemos verificar no poema a seguir que, ao mesmo tempo que denunciam uma autoridade que comete injustiça, elogia aquela que aos olhos deles pratica a justiça.

I

Já ouvi dizer que é costume distinguir deuses de demônios e demônios de deuses; mas agora inferno e paraíso é uma coisa só, um mais um são dois e assim tem-se uma “hendíadis”.

II

O que chamo paraíso? Um palácio cheio de poderosos que se constituem em sócios do inferno, já que, sem fé, recorrem à perfídia e presidem um tribunal de injustiça.

V

Mas assim não são as coisas na casa de nosso prelado, cuja justiça a ninguém é negada; não me lembro de um só processo no qual o interesse humano tenha prevalecido sobre a lei de Deus. (GOLIARDOS, n° 46, p. 161).<sup>65</sup>

---

<sup>65</sup>I Desevré solent estre, ch'oï dire iadis, Di a demonibus et demones a dis; Mês or sunt tuit ensemble enfer et paradis, Um a l'um fet des dos et fit endiadis. / II C'apel ge paradis? Potentium curiam, Que se constituit inferni sociam, Com lesa sequitur fide perfidiam Et ius determinat per iniusticiam. / V Id nostri procul est a domo domini, Cuius iusticia se negat nemini, Cuius in cúria neminem memini, Qui plus non deferat deo quam homini. Obs: Este poema não contém nem autor, nem uma numeração específica do poema como os outros poemas dos goliardos descritos na obra compilada por Woensel, a única referência que temos, é que foi retirado de um manuscrito do vaticano e tem como numeração dada por Maurice Von Woensel o número 46 na página 161 do tópico do livro nomeado como outros poemas goliardos.

Segundo relata Woensel (1994, p. 172) o poema acima foi escrito em francês arcaico e latim, é atribuído aos goliardos e consta de um manuscrito da Biblioteca do Vaticano, datado do século XII. O poema satiriza o alto clero, mas não o faz contra o “prelado que patrocina o poeta” (WOENSEL, 1994, p.172). O que nos parece é que, de certa maneira, os goliardos queriam despertar os clérigos para que desempenhasse de fato suas funções, sem a prática de corrupção e de julgamentos injustos.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve por objetivo conhecer um pouco mais os goliardos enquanto grupo, por meio do manuscrito *Carmina Burana*, através da análise de suas poesias e os caminhos por elas oferecidos como fonte de pesquisa histórica.

Destacamos inicialmente o que foi e onde se encontra o manuscrito, descrevendo o *Carmina Burana*, como também o pensamento dos historiadores a respeito dos clérigos intelectuais. Em seguida falamos como surgiram os goliardos, a quem os poemas são atribuídos - ainda que a grande maioria dos poetas sejam anônimos- quem foram os goliardos e como viviam de acordo com o que escreveram. Também apresentamos as críticas feita por eles, a qual originou uma perseguição por parte do clero até seu desaparecimento em meados do século XIII.

Como principais características dos goliardos além de serem poetas, também eram estudantes, em sua maioria clérigos, conhecedores do latim, dos clássicos e das Escrituras. Todo esse conhecimento era um diferencial desse grupo de poetas. Diferencial est que os colocava na posição de intelectuais, independentemente do status social que tivesse, já que eles pertenciam aos mais variados tipos de profissão, que ia desde o estudante pobre até o mais alto clero. Os goliardos também eram viajantes e quase sempre de baixa condição social, o que dificultava a manutenção dos seus estudos, obrigando-os a buscar ajuda com benfeitores, como por exemplo o caso do Arquipoeta de Colônia, ou até viverem na mendicância. Além disso, sua vida errante e sua insatisfação com a ordem dominante eram a inspiração para suas poesias e canções.

Os goliardos, como dito na primeira parte desta pesquisa, foram na maioria anônimos, e a causa desse anonimato aconteceu devido às perseguições que sofreram, sendo que, segundo os próprios poetas relatam em seus poemas, foram julgados injustamente.

Ser um goliardo significava não somente pertencer à um grupo, mas como alguns historiadores afirmaram, e vimos anteriormente, é o modo de escrita que os identifica como um goliardo. Há toda uma explicação etimológica para o nome goliardo, mas somente como um meio de identificar esse grupo de poetas, como vimos no primeiro capítulo. E como relatamos, os goliardos para a Igreja eram traidores da fé, e inclusive, a própria Igreja utilizou o nome goliardo para se referir ao grupo nos concílios e tribunais que os julgaram. Os goliardos eram clérigos, e ser clérigo como vimos no primeiro capítulo, não significava que seriam ordenados sacerdotes. Ser clérigo era o mesmo que ser um intelectual.

O manuscrito *Carmina Burana* é a obra mais conhecida dos goliardos, foi escrita entre os séculos XII e XIII e atualmente está sob a guarda da Biblioteca de Munique, na Alemanha, sendo considerado parte do tesouro nacional alemão. O manuscrito ficou por séculos numa espécie de quarto onde se guardavam livros proibidos, no mosteiro de Benediktbeuern, vindo à tona durante as invasões napoleônicas. E posteriormente parte dos poemas foram utilizados por Carl Orff, que no século XX os apresentou em forma de uma cantata cênica em latim medieval. A melodia dos poemas que foram cantados pelos goliardos se assemelha aos cantos religiosos do mesmo período, e inclusive o próprio manuscrito se assemelha a um breviário.

Algo que notamos durante essa pesquisa, é que há ainda poucas produções relacionadas ao manuscrito *Carmina Burana*, apesar de ter sido escrito a mais ou menos 8 séculos atrás. Talvez essa escassez de pesquisas sobre o manuscrito se dê por conta da não existência de mais dados deixados daquele período, o que se torna um obstáculo para que um historiador possa conhecer mais a respeito do manuscrito e seus escritores.

O manuscrito *Carmina Burana* é uma compilação de mais de 200 poesias de cunho crítico e satírico, e de temática variada. Portanto, devido a esses temas variados, o conteúdo que o manuscrito *Carmina Burana* nos traz é bem rico, deixando para a posteridade uma parte da história desses poetas vagantes. Os goliardos escreveram tudo aquilo que viveram, ou que gostariam de ter vivido.

Por meio dos poemas e músicas, os goliardos cantavam suas dores, seus amores e as alegrias da vida, mas também faziam duras críticas ao clero. Para efetuarem tais críticas os goliardos utilizavam paródias de textos bíblicos, parodiavam sermões, e utilizavam de imagens que também eram paródias, como por exemplo a Roda da Fortuna que apresentamos nesta pesquisa.

Diante disso, as sátiras escritas no *Carmina Burana* causaram desconforto ao clero, que por sua vez buscou tomar providências para acabar com as críticas. Essas atitudes dos eclesiásticos contra os goliardos ficaram bem evidentes nos poemas, como também a insatisfação dos goliardos com tais atitudes. Dentre as providências tomadas como já dissemos anteriormente, raspava-se a cabeça a fim de retirar a tonsura, que era sinal de pertença ao clero, foram proibidos de cantar e recitar hinos durante a celebração nas missas, e de ajudar no altar durante as celebrações religiosas.

Ao observar as providências tomadas pelos eclesiásticos, notamos que o abuso de autoridade e corrupção (seja política ou moral) é o que motivou os goliardos a tecerem tais críticas, com objetivo de denunciar essas práticas. Práticas estas que eram proibidas pela própria

Igreja, como a simonia por exemplo, mas que não eram cumpridas por parte de alguns juízes e prelados, o que incomodou esses poetas, fazendo-os denunciar por meio da música e da poesia.

Mas não eram somente críticas o conteúdo dos poemas que escreviam. Os goliardos falavam também da alegria de viver, da juventude, da vida cotidiana, das estações do ano e do amor, se denominando clérigos andantes. É por meio desses poemas que conseguimos conhecer um pouco mais da vida desses poetas clérigos, que viveram principalmente em Paris nos séculos XII e XIII. Uma temática que também nos chamou atenção durante a pesquisa foi a rivalidade entre clérigos e cavaleiros, que eram expressas por meio das poesias, e o fato de o Arquipoeta de Colônia ter fugido do serviço militar para se dedicar aos estudos.

Os goliardos foram poetas que desafiaram as leis e costumes morais da época que viveram. Os goliardos não eram de fato um grupo homogêneo, devido a variedade de pessoas que eram consideradas parte desse grupo, como também. Apesar de serem duras as críticas que fizeram, elas eram de certa forma feitas com humor, provocando o riso de quem as ouvia ou a ira daqueles que eram criticados. Os goliardos não faziam as críticas por querer mudar regras e normas, nem o sistema já estabelecido, e muito menos queriam uma revolução, já que se beneficiavam desse sistema pré-estabelecido. O que notamos é que eles queriam que os mesmos legisladores que faziam as leis e regras que deveriam ser seguidas também as cumprissem, apesar deles mesmos não cumprirem as regras como deveriam, pois, eram jovens que queriam como já dissemos, gozar a sua juventude. E o meio que encontraram de se fazer ouvidos foi através de seus poemas e canções, e o fato de terem escrito em latim é que escreveram para aqueles que eram letrados, os intelectuais. Suas críticas não foram direcionadas à Igreja como um todo mas somente a um grupo de autoridades eclesiais, que na visão dos goliardos eram pessoas corruptas e injustas em seus julgamentos, e se fazendo utilizar de suas canções e poemas para que fossem ouvidos.

## REFERÊNCIAS

### REFERÊNCIA DA FONTE:

**CARMINA BURANA: CANÇÕES DE BEUERN.** Apresentação: SPINA, Segismundo. Traduzido por Maurice van Wonsel. Ed. bilíngue, latim- português. São Paulo: Ars Poética, 1994.

CARMINA BURANA. **Manuscrito escrito nos séculos XII e XIII.** Disponível em: <[https://archive.org/details/imslp-buranus-anonymous/PMLP57518-Codex\\_buranus\\_f43-f48](https://archive.org/details/imslp-buranus-anonymous/PMLP57518-Codex_buranus_f43-f48)>. Acesso em: 10 Jun. de 2020.

### REFERÊNCIA DE FONTE SECUNDÁRIA:

BÍBLIA DE JERUSALÉM. 2. ed. rev. e atual. Edição Paulo Bazaglia. São Paulo: PAULUS, 2003.

REGRA DE SÃO BENTO. **Regra monástica de Bento de Núrsia, c. 530.** Disponível em: <<http://www.movimentopax.org.br/saoBento/Regra%20de%20Sao%20Bento.pdf>>. Acesso em: 23 Set. de 2020.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANONIMO. **Carmina Burana:** Los Poemas de Amor. CARTELLE, Enrique Montero (ed.). Madrid - España: Ediciones AKAL, 2001. ISBN 978-84-460-3891-7. PDF. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/read/349968836/Carmina-Burana>>. Acesso em: 10 Jun. 2020.

BARROS, José D' Assunção. **Papas, Imperadores e Hereges na Idade Média.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 55-116.

BELLITTO, Christopher M. **História dos 21 Concílios da Igreja: de Nicéia ao Vaticano II.** Tradução: Cláudio Queiroz de Godoy. 2ª ed., São Paulo: Edições Loyola, 2016, p. 13-82.

BERTONI, Giulio. **Poesie leggende costume del medio evo.** 1ª edizione elettronica. Modena: Liber, 2013. Disponível em: <[https://www.liberliber.it/mediateca/libri/b/bertoni/poesie\\_leggende\\_costume\\_del\\_medio\\_evo/pdf/bertoni\\_poesie\\_leggende\\_costume\\_del\\_medio\\_evo.pdf](https://www.liberliber.it/mediateca/libri/b/bertoni/poesie_leggende_costume_del_medio_evo/pdf/bertoni_poesie_leggende_costume_del_medio_evo.pdf)>. Acesso em: 10 Jun. 2020.

BLASI, Raimundo Gómez. **Lírica Universitaria: Aproximación a los cantos de escolar.** In \_\_ Tradiciones en la Antigua Universidad: estudiantes, matraquistas y tunos. Alicante - Espanha, Universidad de Alicante, 2004 p. 74-102. Disponível

em:<[https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/47346/1/2004\\_Roberto-Martinez\\_et\\_al\\_Tradiciones-antigua-universidad.pdf](https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/47346/1/2004_Roberto-Martinez_et_al_Tradiciones-antigua-universidad.pdf)>. Acesso em: 18 Fev. de 2021.

BOSE, Mishtooni. **The intellectual history of the middle ages**. In\_\_ WHATMORE, R; YOUNG, B (ed.). *Palgrave Advances in Intellectual History*. 1. ed. New York: Palgrave Macmillan UK, 2006. cap. 5, p. 92-108.

BOUCHET, Rubén Calderón. **La vida Intelectual**. In\_\_ *Apogeo de la ciudad Cristiana*. Vol. 33. Buenos Aires- Argentina: Ediciones Dictio, 1978, p. 271-291.

CASQUERO, Manuel A. Marcos. *Estudios Humanísticos de Filología- Universidad de León*. **El Mundo de Los Goliardos Y Clérigos Vagabundos**. ULE Revistas, León. nr. 19, 1997. Disponível em:<<http://revpubli.unileon.es/ojs/index.php/EEHHFilologia/article/view/4057/2985>>.

CARMINA BURANA. **La Poesia de Los Goliardos**. Prólogo, selección, traducción y notas Carlos Montemayor. 1ª ed. México: SEP, 1987.

DUBY, Georges. **A Igreja**. In\_\_ *A Idade Média na França (987- 1460): de Ugo Capeto a Joana d'Arc*. Tradução Clóvis Marques; revisão e apresentação Vânia Fróes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992, p. 100 -122.

DUBY, Georges. **Idade Média Idade dos Homens: do amor e outros ensaios**. Tradução: Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 131-165.

ECO, Umberto. **Idade Média: Bárbaros, Cristãos e Mulçumanos**. Portugal: Dom Quixote, 2010. ISBN 9789722049924. pdf.

HAMEL, Christopher de. **Manuscritos Notáveis**. Tradução - Paulo Geiger. 1ª Ed. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2017. p. 359-407.

HASKINS, Charles Homer. **A ascensão das universidades**. Balneário Camboriú, SC: Livraria Danúbio Editora, 2015.

LE GOFF, Jacques. **Os Intelectuais na Idade Média**. Tradução: Maria Julia Goldwasser. São Paulo: Brasiliense, 1988.

LE GOFF, Jacques. **A civilização do Ocidente Medieval**. Tradução José Rivair Macedo. Bauru S.P: EDUSC, 2005.

LIBERA, Alain de. **A Filosofia Medieval**. Tradução: Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.

LIBERA, Alain de. **Filósofos e Intelectuais**. In\_\_ *pensar na Idade Média*. São Paulo: 34, 1999. cap. 5, p. 139-173.

MACHADO, Jivago Furlan. **A Crítica Social e Política dos poetas goliardos em Carmina Burana**. Universidade Federal de Santa Maria- Centro de Ciências Sociais e Humanas, Curso de História. Trabalho de Conclusão de Graduação. Santa Maria, RS, 2015.

MARTÍNEZ, Pedro Pascual. **Los goliardos desaparecieron hace siete siglos: las persecuciones y las condenas de la iglesia católica acabaron con ellos y su poesía de crítica y protesta a finales del siglo XIII.** In\_\_ ACTAS DEL I CONGRESO INTERNACIONAL DE HISPANISTAS. Revista Aldaba nº 28. Melilla- España: Uned Melilla, 1996, p. 459-473.

MINOIS, Georges. **A festa dos bobos, ou a autoderrisão clerical.** In\_\_ História do Riso e do Escárnio. Tradução: Maria Elena O. Ortiz Assumpção. São Paulo: Editora UNESP, 2003, p. 120-133.

MOHENO, Lilian von der Walde. **Los Goliardos.** Revista Destiempos: Divulgación académica y cultural México, Distrito Federal, n. 37, p. 12, feb./mar. 2014. Disponível em:< <http://www.destiempos.com/n37/Walde.pdf>>. Acesso em: 31 Jan. 2019.

OLIVEIRA, Terezinha. **Leis e sociedade: o bem-comum na alta idade média.** In\_\_ Ética e Constituição. Revista Brasileira de Direito Constitucional- RDBC, n. 8 – jul./dez. 2006, p. 375-389. Disponível em:< <http://www.esdc.com.br/RBDC/RBDC-08/RBDC-08-007-indice.htm>>. Acesso em: 04 Mar. De 2021.

PIRATELI, Marcos Roberto; PIRATELI, Marcelo Augusto. **As normas da vida monacal na regra de São Bento: um estudo sobre o código beneditino.** ACTIO: Revista de Estudos Jurídicos – faculdade de Maringá: Maringá PR. v. 1, n. 25, Jan. /Jun. 2015. Versão on-line.

RETA, Jose Oroz; CASQUERO, Manuel A. Marcos. **Lirica Latina Medieval I: Poesía Profana.** Edicion Bilingüe. ed. Madrid - Espanha: Biblioteca de Autores Cristianos, 1995.

RETA, Jose Oroz; CASQUERO, Manuel A. Marcos. **Lirica Latina Medieval II: Poesía Religiosa.** Edicion Bilingüe. ed. Madrid - Espanha: Biblioteca de Autores Cristianos, 1997.

RIBAS, Helena Macedo. **Entre paixões e virtudes: a lírica amorosa dos goliardos presente no Carmina Burana – séculos XII-XIII.** Curitiba, PR, 2018. 154 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História. Orientadora: Profa. Dra. Fátima Regina Fernandes.

SALDANHA, Mayara Ramos. **O pensamento goliárdico em Carmina Burana.** Anais do Encontro Internacional e XVIII Encontro de História da ANPUH- Rio: História e Parcerias. Rio de Janeiro, 2018.

SPINA, Segismundo. **A Cultura Literária Medieval: uma introdução.** 2ª ed. São Caetano do Sul – SP: Ateliê Editorial S.A., 1997.

SOUZA, Jorge Victor de Araújo. **Comunidades religiosas: Uma ordem antiga.** In\_\_ Para Além do Claustro: uma história social da inserção beneditina na América portuguesa, c. 1580-c.1690. Orientador: Ronald José Raminelli. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2011. P. 33-36.

VAUCHEZ, André. **A Espiritualidade na Idade Média Ocidental: séculos VIII a XIII.** tradução Lucy Magalhães. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

VERGER, Jacques. **Cultura, Ensino e Sociedade no Ocidente nos séculos XII e XIII**. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

VERGER, Jacques. **Homens e saber na Idade Média**. Trad. Carlota Boto. Bauru, SP: EDUSC, 1999, p. 21-135.

VOEGELIN, Eric. **O Novo Império**. In\_\_ História das ideias políticas vol. II: Idade Média até Tomás de Aquino. Tradução: Mendo Castro Henriques. São Paulo: Realizações Editora, 2012, p. 61-75.

YORS, D. Joaquin Rubió. **Dirscurso Tercero**. In \_Apuntes para Una História de La Sátira: en algunos pueblos be la antigüedad y de la edad média. Discursos leídos en Ateneo Catalán. Barcelona: Imprenta de Magriñá y Subirana, 1868. Pg. 73 -112.

**ANEXOS – CARMINA BURANA – TRADUÇÃO POÉTICA (por Maurice Van Woensel)**

**CB 1 – A MESMA MÃO QUE DÁ PROPINA (*MANUS FERENS*)**

I

A mesma mão que dá propina  
faz pecar qualquer cristão,  
desavenças elimina,  
a grana chama à razão, [...]  
O juízo dos prelados  
depende dos ducados.  
Juízes vossa sentença

10 a grana não dispensa!

II

Quando é a grana que impera  
o direito degenera, [...]  
ao indigente é negado  
o direito comprovado;

15 para o rico não falta juiz  
a vender-se por pratas vis;  
para o rico, o juiz bonzinho  
sempre dá algum jeitinho

III

Quando a grana é quem manda, [...]  
o pobre perde seu direito  
quando a grana faz o pleito;  
seu processo já naufragou  
se ao juiz nada pagou;  
a justa causa se declina  
só por falta de propina.

**CB 6- ESTUDAR, OUTRORA MODA (*FLOREBAT OLIM STUDIUM*)**

Estudar, outrora moda,  
hoje a muitos incomoda;  
importava o saber,  
agora brincam pra valer

5 Nossos jovens são astutos,  
imberbes, já exibem canudos;  
arrogantes, insolentes,  
até parecem inteligentes;  
nos tempos bons de outrora,

10 se estudava a toda hora;  
aos noventa, tão somente,  
aposentavam um discente.

Mas agora, aos dez de idade,  
jovens passam por abade,

**CB 10- SOA ALTO, EM CAMPO ABERTO (*ECCE SONAT IN APERTO*)**

Soa alto, em campo aberto,  
a voz que clama no deserto;

somos nós esse deserto:  
 Deus castiga, isso é certo  
 5 a salvação é ignorada,  
 toda alma é condenada. [...]  
 ninguém carrega sua cruz:  
 quantos seguem a Jesus?  
 Quem é leal, ilibado,  
 quem imita o crucificado?  
 15 Aos prelados, a morte espera,  
 nenhum deles de graça opera,  
 nas ordens sacras ingressando,  
 fazem votos, por Deus jurando;  
 uma vez no trono sentados  
 20 esquecem logo os votos sagrados;  
 a rosa vira planta vulgar,  
 um covil em vez do altar!  
 ladrões, maus legisladores,  
 da lei de Deus destruidores.  
 25 No meio deles trona Simão,  
 dos marajás é o patrão.  
 Simão prefere o mal ao bem  
 propina sempre pronta tem,  
 Simão reina do lado do Austro,  
 30 Simão corrompe até o claustro.  
 Quem não paga leva carão,  
 àquele que paga, sorri Simão;  
 Simão recebe, depois de dar,  
 pode cassar ou coroar,

CB 95- POR QUE DE MIM SUSPEITA MINHA DAMA? (*CUR SUSPECTUM ME TENET?*)

III

Se o rei me pagar um dinheirão  
 ou eu um dia ficar sem um tostão;  
 Deus me livre de fazer opção  
 pela vantagem vendendo a retidão. [...]

IV

quero antes pobre, mas puro viver  
 do que dinheiro sujo receber.

CB 129- SOU UM CLÉRIGO ANDANTE (*EXUL EGO CLERICUS*)

I

Sou um clérigo andante, pra sofrer nascido,  
 por demais atribulado, pobre, de frio transido

II

Ao estudo das belas letras queria me dedicar,  
 Mas na minha indignância, como vou estudar?

III

5 Olhe este agasalho, roto e rasgado,  
 Deixa-me todo friorento, estou arrepiado.

IV

Do canto dos ofícios não posso participar,  
 Nem vésperas ou Santa Missa cantar ou recitar.

V

Digníssimo senhor fulano, homem tão benigno,  
 10 Concede-me uma ajuda de sua fama condigna.

CB 131- DIGA, CRISTÃ VERDADE (*DIC CHRISTI VERITAS*)

I

Diga, cristã verdade,  
 fale, cara raridade,  
 fale rara Caridade,  
 onde fica sua mansão? [...]  
 Na vaticana mansão  
 com Bulas castigando? [...]  
 Diz Natã: “Não posso gritar,  
 30 a Davi não quero culpar”;  
 a veste de Cristo se rasgou,  
 Cristo ao Cristo acusou.  
 Hipócritas, o mosquito  
 coais, ó raça vil!  
 35 Dai a César o tributo:  
 a Cristo devem servir.

CB 191- ARDE NO MEU CORAÇÃO (*ESTUANS INTERIUS*)

II

Já disseram que me pareço  
 com as águas do rio,  
 no mesmo lugar não permaneço,  
 flutuo anos a fio.

V

Gente jovem é outro papo!  
 A virtude esqueço,  
 35 dela sempre me escapo,  
 Ao vício e apresso.  
 Eu adoro o prazer,  
 não procuro o bem;  
 até na hora de morrer  
 40 prazeres me retêm.

VI

Distintíssimo prelado,  
 imploro o seu perdão.  
 Eu serei um feliz finado,  
 morro com satisfação  
 45 se puder namorar umas lindas donzelas,  
 não podendo as afagar,  
 me resta sonhar com elas.

VII

Não se pode imaginar,  
 50 é contra a natureza:  
 para uma mulher olhar

sem perder a pureza;  
 o jovem não pode observar  
 uma lei tão dura,  
 55 assim seu corpo irá murchar:  
 amor é sua cura.

XIV

105 Muitos poetas querem fugir  
 longe da multidão,  
 eles preferem trabalhar  
 em plena solidão;  
 noites em branco, em labuta,  
 110 não param de trabalhar,  
 o resultado desta luta  
 é poesia vulgar.

XV

Fazem jejum e abstinência  
 esses bandos de rimadores,  
 115 eles não sabem das questões,  
 dos processos, dos rumores;  
 eles sabem produzir  
 uma obra imortal  
 só depois de a  
 120 e servidão mental

XVI

quanto a mim, não escrevo  
 um verso em jejum; [...]

XVII

quanto a mim, escrevo versos  
 bebendo vinho bom; [...]  
 essa sim me inspira  
 poemas a granel.

XIX

somente quando o deus Baco  
 150 minha sede cura,  
 é que Febo me inspira  
 poemas à altura.

CB 219- “IDE POR TODO UNIVERSO” (*CUM”IN ORBEM UNIVERSUM”*)

I

“Ide por todo o universo”: Jesus assim falou,  
 O sacerdote ou o monge sempre mundivagou;  
 Tentos levitas abandonam ofício e cantochão,  
 Porém, na nossa confraria acham a salvação.

II

5 Reza a nossa santa regra: “Tudo devem provar”; [...]

III

Gente da Marca, da Baviera, austríacos, saxões, [...]

IV

A verdadeira piedade nós a praticamos,  
 tanto os grandes quanto os humildes, a todos aceitamos;

15 há lugar para os ricos, para os necessitados  
expulsos pelos pios monges, pobres desamparados.

V

Recebemos aqui o monge de cabeça raspada,  
aceitamos o sacerdote com sua bem-amada,  
o mestre com os seus pupilos o dono e o criado,  
preferimos o estudante que anda bem trajado.

VIII

25 Nossa seita a uma ordem bem se equipara,  
candidatos de toda raça ela sempre ampara; [...]

X

Não cantamos matinas antes da aurora,  
Tão somente maus fantasmas vagam noite afora, [...]

XI

Os ofícios da meia-noite não devemos cantar,  
Podemos nos sentar à mesa logo ao levantar; [...]

XII

Ter o gozo de duas roupas não é permitido, [...]

XIV

Em jejum, nunca ninguém nossa casa deixou,  
aqui sempre o indigente, uma ajuda ganhou.

CB 220- DE MINHA EXTREMA INDIGÊNCIA (*SEPE DE MISERIA*)

II

5 Entre os poetas, pobre como eu não há,  
toda a minha riqueza, vejam, ela aqui está.  
olhando a minha aflição, vocês são engraçados;  
não devem julgar que sou pobre devido a meus pecados

*DEVEMOS DISTINGUIR* (de um manuscrito do Vaticano)

I

Devemos distinguir, para falar a verdade,  
Divindade e diabo diabo e divindade,  
Inferno ou paraíso agora tanto faz,  
Cada um confunde como lhe apraz.

II

5 Que é o paraíso? Marajás na cúria,  
Comparsas do diabo, confraria espúria,  
Ofendem a fé cristã, praticam injustiça,  
Saem sentenças tortas desta corte postiça.

V

Na casa de nosso prelado tudo é diferente,  
10Aqui se faz justiça ao rico e ao carente;  
Neste tribunal o juiz é adimplente  
De toda lei dos homens e do Onipotente.